# O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO—J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, Marques Gomes, Francisco de Magalhães e Firmino de Vilhena

ANNO XXXVII | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE ÁS QUARTAS E SABBADOS — SABBADO 12 DE MAIO DE 1888 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 15 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 3:690


E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.


SUMMARIO:—Os antros da justiça.—As provas provadas.—A pesca da sardinha.—Acção nobilissima.—Commissão districtal.--Agradecimentos.—Secção de pisciultura.—Noticiario.—Sessões parlamentares.--Communicados.—Secção agricola.—Parte official.—Folhetim, Curso de piscicultura pratica, *por Fernando de Vilhena.*—Pagina litteraria: O diadema, *por F. Jacobetty;* A propriedade e cultura do Minho, *por Alberto Sampaio;* Folhetim, Ivanhoé ou o regresso do cruzado.—Correio de Lisboa.—Telegrammas.


## AVEIRO

### OS ANTROS DA JUSTIÇA

Um dos nossos mais primorosos stylistas apresentava n'uma folha de hontem a proposito de—prisões e escolas—a seguinte notavel conclusão:

«Se erguemos palacios para os criminosos se regenerarem, levantemos escolas e lyceus, dignos d'este nome, para nossos filhos se educarem e instruirem.»

Tem razão o illustre escriptor. A casa de ensino deve ser ampla, cheia de luz, onde se beba a instrucção e onde haja sempre puro o ar que se respira. Mas que os poderes publicos não esqueçam, que no alcaçar da justiça deve haver aceio, para que a magistratura independente não se exhiba n'uma atmosphera viciada e pestilente, que predispõe contra o modo porque em Portugal se trata um assumpto, que deve merecer as attenções de todos e de cada um.

Nada ha mais repugnante que as cadeias na maior parte das terras de provincia. Quem passa sente por ellas um aperto de coração, ao ver os cubos de alvenaria onde a sociedade encerra os criminosos. Se não lhes falta ar, carecem todavia de um certo conforto relativo, indispensavel mesmo nos climas temperados. Assim tratado, o homem não é mais nem menos que a féra encerrada na jaula. Lá dentro os miasmas corrosivos, que enervam o organismo, que deprimem e abatem o que no encarcerado havia ainda de bom e aproveitavel.

Quartos estreitos, mal limpos, impregnados das exhalações doentias provenientes da aglomeração de muitos individuos no mesmo recintho. A sociedade entende que deve segregar de si aquellas deformidades moraes, e arremeçando-os para a enxovia em nome da segurança geral, nada mais faz para que se regenerem os que resvalaram no abysmo do crime. Se entraram para ali analfabetos,não possuindo as noções do bem e do mal, saem de lá corrompidos até á medula. A convivencia como que radica o vicio, exagerando-lhe as proporções. João Valgean, a lenda de Hugo, transforma-se pelo sacrificio, e é como que a apologia dos necessitados, a quem falta o pão de cada dia. Mas a par do poema, que exalta os espiritos romanescos, quantas verdades encerra aquelle livro, que attesta a falibilidade da justiça, quantas vezes ella se tem enganado, suppliciando innocentes!

Levantem-se escolas, construam-se lyceus, mas não se esqueçam as prisões. A instrucção intellectual é necessaria na sociedade, mas a educação moral é indispensavel na familia. E nem sempre uma é a consequencia da outra. O fautor de um dos crimes mais abominaveis dos nossos tempos frequentava o curso de medicina. Alumiava-o a luz da sciencia. E todavia a historia apresenta-o como um monstro. Seria uma aberração? Infelizmente ha mais exemplos de que Mattos Lobo e La Cenaire não são excepções odiosas.

Ha absoluta necessidade na provincia de edificios proprios para tribunaes e para prisões. Entendemos que não é preciso construir com luxo as casas que tenham este destino; mas parece-nos que lucra a sociedade em que ellas sejam feitas em condições proprias, ao fim que se tem em vista.

A regeneração do criminoso deve tomar-se em consideração. Ha casos em que ella se tem dado, e outros registra a chronica como verdadeiros erros judiciarios. E n'estas condições a sociedade não tem direito a abusar da sua força, conservando os antros infectos para onde baldeia os que incorreram nas disposições do Cod. penal.

### AS PROVAS PROVADAS

A lagrima nacional, a que todas as leis do reino deram carta d'alforria, tem duas manifestações legitimas e distinctas: o doesto e a elegia. No primeiro caso, o lacrimante é um Quichote ridiculo que, ao atacar o moinho, sente voltada a lança contra a propria armadura que vestiu. No segundo, é um Jeremias que esmolla a compaixão dos outros, n'umas longas tiradas tetricas, que enchem de pavor os corações sensiveis. Um tem o merito de dar pasto á gargalhada franca, sincera, jovial, com que o espirito publico recebe os Catões da feira das Amoreiras. Outro, vibra com mão de mestre a nota suave das grandes commoções platonicas, que elevam a alma dos simples aos paramos da toleima.

Vem estas considerações a proposito de um... de um réclame do Quichote da Estrumada, assignado pelo sr. d'Oliveira e Costa, ex-chefe regenerador d'Ovar, réclame ou coisa que o valha, com que o *Correio da Manhã* de hontem nos surprehendeu agradavelmente. Peça unica no seu genero, muito laconica, principiando pela palavra *accusado* e terminando por *infamia* cavalgando a assignatura, estylo asiatico, em que predomina o insulto grosseiro e selvagem, de Matto Grosso, e em que se empraza o illustre deputado por Ovar a provar outra vez o que já havia provado no parlamento o que está provado pelos factos e o que a opinião sensata ha muito tempo acceitou como provado, pedindo até que lh'o não provem mais.

Este sr. d'Oliveira tem coisas!...

Que quererá elle que se lhe comprove agora? Que o seu consulado se assignalou por uma serie nunca vista de prepotencias audaciosas? Poderiamos provar-lh'o nós, recordando a historia do seu nefasto reinado, lembrando-lhe a celebrada expropriação que levou á sepultura uma pobre senhora indefeza; a demissão brutal do medico do partido; a perseguição infame que se fez ao juiz de direito, a campanha das bombas, e todo esse cortejo avil-tante de torpezas e indignidades, que resumem a historia triste d'Ovar. E se volvessemos os olhos ao passado, á refrega que abriu ao Catão as portas da popularidade, recordar-lhe-hiamos a epocha nefanda em que este Oliveira commandava glorioso a horda de sicarios, que assassinaram á beira da urna os cidadãos inoffensivos, que appoiavam o nome querido de um dos mais illustres filhos d'Ovar. Como já lá vão muitos annos, é possivel que o sr. de Oliveira e Costa tenha esquecido estas coisas, ou se persuada, talvez, de que já não lembram aos outros.

Tristissima cegueira!

E quer provas quem tem provado de tudo, quem chegou até a provar a manceira por que se é reprovado na urna! Nem esta reprovação expontanea, que é a mais extraordinaria contra-prova de execração publica terá comprovado ao paladino-mór das arruaças que é temeridade pedir mais provas? Nem a ultima prova a que submetteu o seu nome odioso terá provado ao sr. d'Oliveira e Costa que a opinião publica não approva, as tristes provas que lhe deu?

Valha-nos Deus com tantas exigencias e com tantos assomos de dignidade e de liberalismo cerodios!

Quem ha-de dizer, ao ouvir o sr. d'Oliveira e Costa, que o signatario d'aquella elegia é o mesmo general em chefe que queimou a ultima escorva, ou antes, a ultima bomba á porta do juiz Macedo? Quem ha-de julgal-o o mesmo presidente da Commissão Recenseadora que poz fóra do recenseamento eleitoral tres mil cidadãos, que lhe não eram affectos? Poderá alguem suppor que é o mesmo?

E todavia, o sr. Aralla quer provas! Como se as prepotencias do regulo posssam esquecer algum dia! Como se os algozes da liberdade podessem rehabilitar-se em dois annos de ostracismo e de despreso! Aprenda na humilhação, a que a vontade soberana do povo o condemnou, a respeitar os direitos dos outros e a modificar os impulsos selvagens do seu instincto.

O povo não é o servo da gleba que o mandão audacioso conduz ao supplicio da propria dignidade. Quando a onda da corrupção promette perverter os costumes e avassalar todas as regalias sociaes, é preciso lançar á vasa, o que da vasa provém. A lama é sempre lama. Os que a conhecem arredam-se. Mas é necessario evitar que n'ella se manchem os incautos. A vindicta popular é sempre um desforço digno e ligitimo, quando significa a reacção do espirito publico contra a dominação odiosa do verdugo. No tempo da liberdade os verdugos são uma excrecencia, que insulta a civilisação. E ninguem dirá que o regulo não foi o verdugo da liberdade do povo d'Ovar.

Pedir provas, n'estas condições, é agravar a dôr de quem procura esquecel-a. Não venham, pois, soprar ás cinzas ainda quentes, que póde devoral-os o fogo. Callem-se, por honra do proprio nome, que nem tão longe vão os successos que não possam ainda esmagal-os com o pezo de tantas provas. Callem-se em respeito aos mortos, para que não venham as victimas da sua ferocidade quebrar-lhes na face a lousa da sepultura. Callem-se, se uns restos de vergonha andam ainda aboiados por esse Oceano de miserias.

### A PESCA DA SARDINHA

Acabamos de ver publicado n'um collega que muito prezamos, o seguinte despacho telegraphico:

**MADRID 10.—Por iniciativa do ministro do fomento tracta-se de fazer um accordo com a França e Portugal a fim de que nos tres paizes reja o mesmo regulamento para a pesca da sardinha.**

Ha muito tempo que os homens mais distinctos de França, que se dedicam generosamente ao estudo dos aperfeiçoamentos da pesca e industrias correlativas, emprehenderam, n'este mesmo sentido, uma campanha pertinaz, indicando as vantagens que adviriam aos tres povos latinos da adopção de medidas eguaes e uniformes na exploração da pesca da sardinha. Mr. Amadeu Berthoule apresentou ao ministro da marinha um bem elaborado relatorio, que temos presente, e tem a data de 10 de dezembro de 1887, em que se refere pouco lisongeiramente aos systhemas de pesca usados nas costas da peninsula, e alvitra a ideia de um convenio que estabeleça a fórma legal de explorar o mar.

A camara do commercio de Saint-Nazaire representou tambem n'este sentido em 9 de dezembro de 1886, e da Rochella em 20 do mesmo mez e a anno, reclamando contra a fórma por que em Portugal e Hespanha se perseguem as especies que povoam o Oceano.

Queixando-se da falta notavel da sardinha que se assignala no littoral francez, mr. Berthoule diz, no seu relatorio:

«Notemos de passagem que as safras de 1885 e 1886, que foram uma desgraça para os nossos pescadores, deram, pelo contrario, resultados extraordinarios e brilhantes nas costas de Hespanha e Portugal.

.....

«Pretendem alguns que esta desapparição subita da sardinha das costas francezas provem de um resfriamento nas correntes do Golpho Stream; hoje, porém, sabe-se que os systhemas de pesca usados pelos hespanhoes e *sobre tudo* pelos portuguezes impedem a emigração normal da sardinha e desviam esta especie do seu antigo curso, ao longo da nossa costa. A verdade é que este peixe desapparece rapidamente e que as populações maritimas vão luctar em breve com uma crise tremenda.

.....

«Sabemos, porém, á ultima hora, que o sr. ministro da marinha, preoccupado com esta situação, acaba de confiar ao sr. Bouchon-Brandely, secretario do Collegio de França, a importante missão de estudar seriamente o assumpto, entre as populações maritimas, e preparar elementos para um inquerito rigoroso sobre o estado das pescarias, que deve ser feito por uma commissão especial».

Do que deixamos dicto, vê-se que a França acceitará sem reluctancia e antes com prazer, o convenio internacional das pescas da França, Portugal e Hespanha, que o ministro do fomento d'este ultimo paiz tenciona propôr.

Em these, sympathisamos com a ideia, que, sendo cautelosamente realisada por parte do governo portuguez, porá termo aos vandalismos inauditos que se praticam por essa costa abaixo. Depende tudo, porém, dos termos em que o convenio se effectue. E' preciso proteger as agoas—queremos para ellas a protecção mais lata e mais rigorosa—mas é necessario tambem salvaguardar os interesses da nossa população da beira-mar, que é numerosissima, e acautelar a industria da exportação que entre nós é mais importante do que geralmente se suppõe.

Portugal exporta pescarias salgadas para toda a Hespanha, para Bordeus e muitos outros pontos de França; e o preço por que a nossa sardinha se vende alli regula entre 5 francos, e 55 centimos, (1:000 reis) por milheiro, ao passo que a sardinha pescada nas costas francesas custa nos seus mercados 30 e 40 francos cada milheiro (5:650 e 7:400 reis). Esta desproporção do preço aterra o pescador francez e é por isso que elle pede para as agoas dos tres paizes uma *desvelada protecção*. Nós pedimol-a com instancia, independentemente dos nossos interesses commerciaes.

Protejam-se sériamente as agoas, *mas que essa protecção não vá levar* a fome á classe exploradora. Todos os interesses se podem conciliar. A questão é conhecer o assumpto e tractal-o reflectidamente e com prudencia. Penhor seguro d'estas duas virtudes, é para nós, o nobre ministro da marinha de Portugal, que tantas provas tem dado da sua sollicitude e do seu zelo pelos interesses do paiz. N'elle confiamos plenamente, absolutamente.

Fernando de Vilhena.

### ACÇÃO NOBILISSIMA

Gostosamente transcrevemos do nosso collega do *Conimbricense* os seguintes periodos que são testemunho eloquente da grande alma do nosso nobilissimo prelado:

Somos muito pouco inclinados a grandes elogios; mas ha circumstancias em que seria faltar a um sagrado dever o encurtarmos louvores, quando elles, como no caso que vamos narrar, são altamente merecidos.

O ex.mo sr. bispo conde, D. Manuel Corrêa de Bastos Pina, vendo ha dias a noticia que demos no *Conimbricense*. do habil operario carpinteiro, o sr. Benjamim Ventura, estar fazendo tres primorosas peças no estylo arabe, para enviar para a exposição industrial de Lisboa, o avaliando bem os sacrificios d'aquelle operario para fazer um trabalho tão demorado, e a despeza não pequena, com as madeiras do Brazil n'elle empregadas, sem que podesse esperar receber o seu valor, por não serem objectos vendaveis; dirigiu-se na quinta-feira de tarde, com o seu secretario, á rua Direita, e subindo á modestissima casa em que trabalha o sr. Benjamim Ventura, a qual fica exactamente por cima do arco do Ivo, alli examinou detidamente os trabalhos do distincto operario, os quaes muito apreciou, louvando o seu habil auctor.

Por essa occasião teve s. ex.a a bondade de entregar ao sr. Benjamim Ventura réis 45$000, para ajuda das despezas com o seu excellente trabalho.

Factos nobilissimos como este fazem recordar o illustre arcebispo de Braga, D. Fr. Caetano Brandão.

Na sua propria consciencia achará o nobre prelado conimbricense a recompensa de tão levantadas acções.

*Joaquim Martins de Carvalho.*

### COMMISSÃO DISTRICTAL

Sessão de 2 de maio de 1888

Presidencia do ex.mo sr. Visconde de Valdemouro.

Presentes, o vogal substituto o sr. José Pereira Junior e o secretario Manuel Pereira da Cruz.

Aberta a sessão pelas 10 horas da manhã, a Commissão Executiva da Junta Geral tomou conhecimento dos seguintes negocios:

Foi presente o balanço do movimento do cofre da Junta Geral durante a semana finda em 29 de abril ultimo, sendo a receita, incluindo o saldo que passou da semana antecedente, da quantia de 5:226$744 reis, e a despeza de 199$290 reis, passando para a semana seguinte um saldo da quantia de 5:065$454 reis, sendo 649$950 reis representados por papeis de credito, e o resto em metal; existindo mais em cofre 282 obrigações de 90$000 reis cada uma, nominaes de 5 por cento.

Foram igualmente presentes os resumos das deliberações das seguintes camaras munipaes d'este districto, remettidas por officio do ex.mo Governador Civil, n.º 984, 1.ª Repartição, de 28 de abril proximo findo:

Estarreja, das semanas findas em 14 e 22 de abril;

Albergaria, de 10 de abril;

Oliveira d'Azemeis, de 11 d'abril;

Mealhada, de 22 e 29 de março, e 5 de abril;

Aveiro, de 28 de março e 5 de abril, tudo do corrente anno.

### AGRADECIMENTOS

A Commissão Administrativa do Asylo de José Estevão, extremamente penhorada com a Academia-Musical de Coimbra, vem agradecer-lhe por este meio a espontaneidade com que se dignou offerecer uma *matinée*, no dia 6 de maio, no theatro Aveirense, em beneficio do mesmo Asylo.

A Commissão Administrativa
*Manuel Pereira da Cruz.*
*Padre Francisco da Costa Junior.*
*Fernando de Vilhena.*
*Antonio José Martins.*

—

A Commissão Administrativa do Asylo de José Estevão agradece por este meio á Commissão Academica de Aveiro o auxilio que prestou para a realisação da *matinée*, que, em beneficio d'aquella casa de caridade, a Academia-Musical de Coimbra se dignou dar, a 6 de maio, no theatro Aveirense:

A Commissão Administrativa
*Manuel Pereira da Cruz.*
*Padre Francisco da Costa Junior.*
*Fernando de Vilhena.*
*Antonio José Martins.*

## SECÇÃO DE PISCICULTURA

FACTOS DIVERSOS

Em sessão de 29 de fevereiro do corrente anno da Sociedade Nacional d'Acclimatação de França, foi lida uma carta de Mr. Foucanet ao Presidente da terceira secção, em que aquelle illustre piscicultor ensinava o systhema de arejar as bacias de incubação artificial do peixe por meio da projecção da agoa por um tubo capillar, subordinado á influencia de uma pressão mais ou menos forte. Esta communicação resolve completamente um dos mais graves problemas da piscicultura artificial, e tem a altissima vantagem de remediar um mal, que até hoje fazia abortar grande parte das tentativas mais auspiciosas.

—Mr. Rathelot indica á Sociedade umas novas especies de peixe d'agoa doce, que seria facil acclimatar nos rios e canaes da França, mediante certas circumstancias faceis de pôr em pratica. Entre elles cita o magnifico *Barbo do Nilo*, e o *Gourami*, uma das mais preciosas especies d'agoa doce.

Mr. Brochi, respondendo áquelle insigne naturalista, declarou que Mr. Carbonnier possue já nos seus aquarios alguns exemplares do *Gourami*, em excellentes condições de vitalidade, e corroborou as declarações do sr. Rathelot, mostrando a necessidade de emprehender em maior escala a acclimatação d'este peixe. Apesar de que o *Gourami* habita as regiões mais quentes da Azia, julga todavia que é possivel realisar completamente em França não só a acclimatação, mas ainda a reproducção d'esta especie. Lembra ainda Mr. Brochi que uma das acclimatações mais uteis para o paiz, não só pela sua facilidade mas ainda pela sua importancia commercial e industrial, seria sem duvida a do Salmão da California, nos rios tributarios do Mediterraneo, onde o Salmão parece difficilmente attingir um grande desenvolvimento, por causa da alta temperatura d'esta região, e onde aquella especie encontraria condições ichthyologicas e geographicas eguaes ás do paiz d'onde é originario.

Mr. de Barrau de Muratel insinúa que o desapparecimento progressivo do Salmão dos rios francezes, é exclusivamente devido á selvageria de que esta especie está sendo victima, e que se acoberta com o nome de pesca. Declara tambem o illustrado piscicultor que o ministro da marinha de França acaba de resolver que seja immediatamente ouvido o *Comité consultivo das pescas maritimas* sobre o seguinte questionario:

1.º—A prohibição da pesca do Salmão está em relação com o interesse dos pescadores, dos consumidores e das prescripções da sciencia sobre os costumes, a existencia e as necessidades d'este peixe?

2.º—Convirá restringir a epocha da pesca do Salmão?

3.º—Deverá o governo prohibir por completo, durante tres annos, em tôdas as agoas da França, a exploração da pesca d'este peixe?

4.º—Quaes as medidas a adoptar desde já para evitar o desapparecimento do Salmão dos cursos d'agoa de França?

Por proposta de um dos membros d'esta secção, ficou Mr. de Barrau de Muratel encarregado de tractar d'esta importante questão perante a Assembleia Geral da Sociedade.

Na sessão extraordinaria de 1 de março, a que assistiu Mr. Vaillant, presidente da secção, discutiu-se largamente este assumpto, ficando resolvido que Mr. Raveret-Watel redigisse um relatorio para ser apresentado ao governo, indicando os meios a seguir para se remediar o decrescimento do Salmão nas agoas da França.

Opportunamente daremos aos nossos leitores esse notavel trabalho, que prova o interesse com que na França se tractam todas as questões que dizem respeito á piscicultura e á industria da pesca.

Fernando de Vilhena.

## NOTICIARIO

**Bispo Conde.**—Chega ámanhã a esta cidade, no comboyo expresso da manhã, o venerando prelado d'esta diocese, o ex.mo e revd.mo sr. Bispo Conde. S. ex.a revd.ma vem conforme o costume dos annos anteriores assistir á solemnissima festividade de Santa Joanna Princeza. Consta-nos que á estação irão esperar s. ex.a revd.ma além da Direcção da Real Irmandade de Santa Joanna, muitas outras pessoas.

**Notas da carteira.**—Completou ante-hontem os seus 17 annos a ex.ma sr.a D. Adelaide de Moraes Duarte Silva, interessante filha do sr. Duarte Silva. Para festejarem o seu anniversario, reuniram seus paes algumas pessoas de relações mais intimas na sua quinta do Senhor das Barrocas, offerecendo-lhes ahi opiparo jantar e diversões aprazieis ao ar livre. O dia esteve formosissimo, como que a saudar aquella festa de familia.

— Partiu na terça-feira ultima para a capital, onde o chamavam os deveres do seu alto cargo, o nosso querido amigo e camarada, sr. dr. Barbosa de Magalhães.

— Está de cama ha 4 dias, com uma gastrite, o nosso bom amigo e collega o sr. Francisco de Magalhães. Fazemos votos por têl-o em curtos dias perfeitamente bom.

**Luto.**—Está de luto o sr. José Maria de Lemos Almeida Valente, muito digno juiz da comarca d'Oliveira de Azemeis. Sua ex.ma esposa, a sr.a D. Hedwiges Clementina Pires d'Almeida Valente, senhora de virtudes preclarissimas, filha d'um dos homens mais honrados e mais dignos que temos conhecido, o sr. Antonio Bernardo da Costa Pinto, acaba de fallecer, victima de uma congestão cerebral. Acompanhando o illustre viuvo, o muito venerando sr. Bernardo José da Costa Pinto Basto, e toda esta respeitavel familia na dôr que os punge, cumprimos um penoso dever de velha e nunca interrompida amizade.

**Grande solemnidade religiosa.**—Festeja-se ámanhã e com a costumada pompa, a Santa Padroeira de Aveiro. O templo de Jesus, essa joia artistica da mais pura agoa, está deslumbrante; e as ruas por onde tem de passar o prestito religioso serão vistosamente engalanadas com bandeiras, cobertores de damasco e flôres.

A missa, a que assiste o virtuoso prelado da diocese, o ex.mo sr. Bispo Conde e todas as auctoridades tanto civis como militares, será cantada pelas religiosas e professoras do Collegio de Santa Joanna Princeza.

E' orador o sr. conego Alves Mendes, incontestavelmente uma das maiores glorias do pulpito portuguez.

O prestito religioso será formado por todas as irmandades legalmente erectas da cidade, e n'elle irão os riquissimos andores de Santa Joanna e de S. Domingos. Acompanha-o o regimento de cavallaria n.º 10.

As ruas que percorre são as seguintes:—Jesus, Direita, Costeira, Mercadores, Largo d'Apresentação, Vera-Cruz, Gravito e José Estevam.

Espera-se que venham muitas pessoas não só dos diversos concelhos do districto, mas até mesmo fóra d'elle a esta festividade que é a primeira de Aveiro.

**Melhoramento importante.**—Estão concluidos, e foram já para o ministerio das obras publicas o projecto e orçamento de alargamento da rua da Costeira e da ponte da praça, d'esta cidade. E' uma obra importante, que melhora consideravelmente as condições do transito n'aquelle sitio, e embelleza muito a cidade. A rua ficará tendo nove metros de largura, alinhando pelo lado do nascente do edificio dos Paços do concelho. A largura da ponte será augmentada com a das suas actuaes cortinas, construindo-se além d'isso ao correr de cada lado duas varandas salientes, guarnecidas com grades de ferro. Se muitos outros motivos não houvesse, bastava este para ficar bem grata na memoria de todos os aveirenses a estada aqui do habil e intelligente director das obras publicas, o sr. Casimiro d'Ascenção de Souza Menezes.

**Deligencia.**—A deligencia de policia que foi ao Bussaco e a Luzo no domingo proximo recolheu d'alli na sexta-feira. Em nenhum d'aquelles pontos houve motivo para procedimento. O sr. commissario tambem alli foi.

Hoje e a requisição do sr. administrador do concelho d'Agueda, partiu outra deligencia do mesmo corpo para Aguada de Baixo com o fim de policiar o arraial que alli deve ter logar ámanhã.

A policia, como já dissemos, está prestando bom serviço ao districto.

**Atropelamento.**—Na quinta-feira á noite foram atropeladas algumas pessoas, por se ter espantado a egua que puchava ao carro do sr. dr. Pereira da Cruz. Parece que o animal teve medo, e partiu á desfilada, vindo do Senhor das Barrocas para casa. O cocheiro não pôde reprimil-a na carreira desapoderada em que ia, e o não ser cuspido da almofada, foi para elle uma felicidade. Felizmente o trem não levava ninguem.

Das victimas do desastre recolheu-se uma ao hospital da Santa Caza, achando-se mais tres em tratamento.

A auctoridade procedeu já, levantando-se os competentes autos de exame a fim de se apurar se houve delicto da parte do cocheiro.

**Festa do Bussaco.**—A festa d'Ascenção no Bussaco foi muito concorrida. Estava alli gente de todo o districto e muita tambem dos districtos de Coimbra e Vizeu. D'aqui foram bastantes pessoas que recolheram na sexta-feira. Não houve alli o mais pequeno acontecimento desagradavel, graças ao zelo, acerto e á actividade do digno administrador do concelho da Mealhada e ás disposições pacificas do nosso povo.

**Fallecimento.**—Falleceu no Rio de Janeiro o sr. commendador Francisco Tavares Bastos, natural de Castellões de Cambra, n'este districto, abastado capitalista, e presidente, no Rio, da Associação de Beneficencia. A terra em que nasceu e a colonia portugueza na capital do Imperio devem-lhe serviços que não poderão esquecer.

**Chegada.**—Tem já chegado ás suas casas de Ilhavo e da Murtoza muita da gente que andava no Tejo na pesca do sabel, e em Cezimbra na pesca da sardinha. Estes ultimos foram mais felizes que aquelles, pois que a pesca do sabel foi este anno desgraçadissima. Os pobres quasi que não ganharam para as passagens, ficando quasi todos empenhados.

**Egreja de Angeja.**—Continuam, agora sem opposição que nos faça supor desarranjo proximo, as obras da egreja d'Angeja. Motivo é este para dar parabens áquella alliás importante freguezia, onde parece que se entrou emfim no caminho da razão. Se assim é, damos-lhe os nossos sinceros emboras.

**Trabalho no mar.**—Continua em algumas costas do districto, o trabalho no mar; a pesca porem tem sido insignificante. Antes do principio de junho não se espera que comece effectivamente em todas ellas. O que é certo é que este anno começam mais tarde os trabalhos, pois que, companha houve o anno passado que por este tempo já tinha colhido mais de 1:500$000 réis de pesca.

**Mercado de peixe.**—A nossa praça tem estado abundante de pesca graúda e por preços muito razoaveis. O mar, bom como tem estado, presta-se ao trabalho das redes pequenas—das que pescam na borda—e estas tem colhido grande quantidade de rubalos, excellente peixe que faz a alimentação salutar e commoda das familias, quando é, como agora, em preços razoaveis. Tambem tem havido pescada em abundancia e por preços equitativos—commodos mesmo.

De sardinha e chicharro salgado continúa a haver a quantidade precisa para satisfazer ás necessidades do consumo, sendo os preços os que temos indicado anteriormente. Ainda hoje chegaram algumas remessas de Lisboa pelo caminho de ferro.

**Baixa de preço.**—Não é só na região central do paiz que o vinho desce de preço. A baixa chegou já ao Minho, em alguns pontos de cuja provincia se compram 600 litros por 10$000 e 11$000. Em Felgueiras está por 10$000 e o melhor por 13$000 rs.

**Gato hydrophobo.**—Em S. João do Monte um gato hydrophobo atirou-se a uma criança de 6 annos, e taes estragos lhe fez, que no dia seguinte era cadaver. O gato foi morto a tiro por um irmão da victima. O facto deve despertar a attenção dos que tanto afagam estes e outros animaes reconhecidamente susceptiveis d'esta molestia.

E em Villa Nova de Famalicão succedeu tambem quasi o mesmo com um gato que fez grandes estragos.

**Direitos sobre os cereaes.**—O *Diario do Governo* publicou o seguinte decreto:

«D. Luiz, por graça de Deus. Rei de Portugal e dos Algarves, etc. Fazemos saber a todos os nossos subditos, que as côrtes geraes decretam e nós queremos a lei seguinte:

Artigo 1.º O trigo, o milho, os cereaes em grão, não especificados, a farinha de todos os cereaes e a fava, que no dia 4 de maio de 1888 não estiverem nos portos portuguezes ou em viagem directa dos paizes productores para os mesmos portos, pagarão, provisoria e respectivamente, por kilogramma, os direitos de 20 reis, 16 reis, 15 reis, 30 reis, e 14 reis.

§ 1.º A differença entre os direitos acima fixados e os actuaes, marcados na pauta geral das alfandegas, será considerada como em deposito até resolução das côrtes, a fim de entrar na receita publica ou ser restituida, no todo ou em parte, aos interessados.

§ 5.º No caso de que as côrtes, na actual sessão legislativa, não tomem resolução definitiva sobre a proposta de lei n.º 45-B, d'esta mesma sessão, as disposições d'esta lei caducam para todos os effeitos, fazendo-se a restituição integral dos depositos effectuados.

§ 3.º As disposições d'esta lei começarão a executar-se no dia da sua publicação no *Diario do Governo*.

Art. 2.º Fica revogada a legislação contraria a esta.»

**Noticias de Coimbra.**—Em 8 ás 2 da tarde:—Acabam de inaugurar-se no meio de grande enthusiasmo por parte da população os trabalhos de reconstrucção do caes e alargamento da rua do Mercado. A camara municipal acaba de expedir um telegramma ao sr. ministro das obras publicas, agradecendo-lhe em nome de todos os habitantes d'este municipio tão notaveis melhoramentos devidos á iniciativa do sr. Emygdio Navarro.

**Noticias da Bairrada.**—Em 11.—Acaba de aposentar-se o sr. Antonio Augusto Rodrigues do Valle, antigo, honradissimo, imparcial, intelligente e habil escrivão da camara d'Anadia, que foi sempre leal ao concelho, contando, por isso, um amigo em cada um dos centenares de habitantes que o conhecem. Ha muito que o sr. Rodrigues do Valle insistia pela sua aposentação; porém tinha de ceder ante os desejos e vontade dos ultimos presidentes, ex.mos srs. marquez da Gracioza e conde da Foz d'Arouce, que não queriam ver o municipio privado de tão conspicuo quão preciso funccionario. Mas agora resistiu a todos os desejos da ex.ma camara, mais obrigado pela necessidade de poupar os orgãos visuaes, de que muito soffreu no anno proximo passado, do que por falta de forças e de vontade de ser util ao concelho. Seja quem fôr o que vem substituil-o, fazemos votos para que o imite, e que não tenha a vaidade de deixar de consultar, sobre negocios de secretaria da camara, o sr. Rodrigues do Valle, porque s. s.a é um bom e consciencioso mestre—um dos melhores do districto. Nós sentimos sobremaneira que este nosso amigo assim *passasse o pé* á vida publica para a vida privada, sem ser por adiantada idade; e desejamos que elle goze, por muitos annos, n'esta vida bonacheirona, todas as venturas, que merece.

— Um rapazola, moleiro dos srs. Castros, da Mouta, estava no dia 4 sentado com outro á porta dos respectivos moinhos (em que moiam enxofre). No muro fronteiro, que é alto, estava um sardão (lagarto) de collossal tamanho. Ao avistal-o, o rapaz armase d'um páo, e dirigiu-se acaçapado para o muro. Ageitando-se, joga uma paulada ao sardão, e mutila-lhe uma perna. Este, n'um impeto enfurecido, mesmo em tres pernas restantes, desce como um raio o muro e agarra-se com unhas e dentes ao cachaço do seu aggressor, começando por dilacerar-lh'o, sem se importar das mãos e dos gritos do rapaz. Acudiu então o companheiro d'este—não sem muito medo, *por ver o cachaço do visinho a arder*—e a muito custo poderam desagarrar o bicho, que foi cahir no enxofre, e foi este mineral que obstou a segunda investida do bicho, que se enxofrou todo; o que deu azo ao dito companheiro poder metter-lhe o páo na bocca—páo que o sardão filou com força—tirando-o assim do pó, e—em logar de o matar—o metteu no tubo dos moinhos, agoa abaixo!

— Teve hontem logar a romaria ás Almas do Boqueirão, na Malla-posta. Dizem-nos que foi muito concorrida. Nós costumava-mos ir passear até lá, por ser perto. Este anno faltou-nos a coragem de o fazer, porque não podemos esquecer facilmente o bondoso sr. Joaquim de Freitas Cancella, que alli falleceu ha poucos dias.

— As vinhas e os campos apresentam excellente aspecto.

F.

**S. M. a rainha e o jornal «Lisboa-Porto».** —A senhora D. Maria Pia escreveu para esta folha commemorativa do incendio do Baquet:

« Grande e digna é a dor da cidade do Porto. Para corações de mães, dilacerados por esta horrivel catastrophe, as palavras de consolação humana não bastam, nem tão pouco a viuvas e orphãos, que só em Deus e na fé encontraram allivio, e nos carinhos e na esperança da felicidade futura dos filhos queridos, que lhes restam, alguma consolação. Com o coração amargurado pela desgraça e pela dor, conforta-me o ver como a caridade é innata em Portugal. Lisboa, 7 de abril de 1888.—*M. P.*»

Acompanhava o escripto uma pequena aguarella, que representa o cemiterio de Agramonte, a cuja porta está chorando um grupo de orphãos.

**O rei da Suecia.**—O rei Oscar é esperado em Lisboa ámanhã, domingo, 13 do corrente. O principe real D. Carlos e o sr. infante D. Affonso irão esperal-o fóra da barra, a bordo da corveta *Affonso de Albuquerque*. O desembarque deve verificar-se no Terreiro do Paço, onde estarão formados em alas os corpos da guarnição da capital, que se estenderão pela rua do Arsenal até ao Caes do Sodré.

No Terreiro do Paço sua magestade a rainha, a princeza D. Amelia e o sr. infante D. Augusto aguardarão o real viajante. D'alli seguirão todos até ao paço da Ajuda, estando embandeiradas todas as ruas desde o Terreiro do Paço até alli. N'esse dia haverá recepção intima e jantar em familia.

Dia 14—Passeio pela cidade e grande jantar official de 160 talheres.

Dia 15—Visita a museus e estabelecimentos publicos. A' noite recita de gala em S. Carlos.

Dia 16—Almoço em Cintra, visita á Pena e ás mais notaveis propriedades reaes e particulares d'aquelle sitio. A noite fogo de vistas no Tejo.

Dia 17—Partida do rei Orcar.

**O czar.**—Um correspondente do *Matin*, em S. Petersburgo, faz, n'uma carta dirigida a este importante jornal francez, um retrato interessante do czar. Considera-o sob diversos aspectos. Eis como elle se refere á vida particular do imperador da Russia:

—«A vida intima do czar, a sua existencia privada, é completamente diversa da dos outros membros da familia imperial.

E' da mais completa austeridade, e quem n'ella procurasse encontrar a mais simples anedocta, não digo já escandalosa, mas simplesmente divertida e livre que fosse, perderia com certeza o tempo, que mais utilmente poderia empregar.

Sua magestade vae frequentemente ao theatro, mas não gosta de divertimentos.

Apparece nos bailes dos grã-duques, nos grandes jantares, por que entende que o deve fazer, mas se obedecesse só ao seu desejo, passaria todas as noites no palacio.

Alexandre III faz muito exercicio, não só porque a sua forte constituição o obriga a isso, mas por que procura, por gosto e por temperamento a fadiga do corpo.

Não lhe repugnam os trabalhos manuaes mais rudes: seria facil encontral-o, frequentemente, com um ancinho na mão, limpando as ruas dos seus jardins, tratando dos arbustos, ou mesmo no campo, apanhando lenha para fazer feixes, e leval-os em seguida ás costas como qualquer lenhador.

A intelligencia, como disse, é mediana, mas o caracter distingue-se por uma voluntariosa tenacidade.

As idéas veem-lhe lentamente, assim como as decisões são demoradamente tomadas; mas uma vez tomadas; nem o diabo o demoveria do que resolvesse fazer».

**O duello Dupuis-Habert.**—Ainda sobre o tragico duello communica o *Temps*:—Madame Dupuis, a viuva do pintor morto em duello no domingo passado, foi houvida por M. Garnot, juiz de instrucção. A desventurada relatou entre soluços a antiga camaradagem que existia entre M. Habert e seu marido. Bastou a leitura de um soneto para lançar a discordia entre os dois amigos, e provocar os artigos que appareceram no jornal *Le XVII^e Arrondissement*. Do depoimento conclue-se que se madame Dupuis alludiu por varias vezes a invejosos que tivessem armado a mão de M. Habert, essas palavras foram a consequencia da dór que ella experimentou, lamentando hoje tel-as proferido. Não foi esse o seu pensamento. Madame Dupuis não conserva rancor contra pessoa alguma.

Reconhece que M. Dupuis se dirigiu duas vezes a casa de M. Gustinne-Renette, armeiro, e alli se exercitou no tiro de pistola. Na mesma manhã do duello, lançou-se alla aos pés do marido, supplicando-lhe que não se batesse; mas o infeliz não lhe deu ouvidos. M. Garnot devia tambem ouvir a auctora do inoffensivo soneto que deu logar ao duello. A poetisa não se acha em Paris, e a sua ausencia momentanea impõe uma certa demora á instrucção.

**O «salon» de Pariz.**—Eis o que refere um telegramma de Pariz, de 30 do mez passado, relativamente ao actual «salon»:

«Foi hoje o dia de *vernissage* na exposição de Bellas-Artes, e como de costume, o dia da moda para a visitar. Não ha memoria de multidão tão immensa, nem de tão grandes apertões, nem de calor tão asphixiante. O ministerio das bellas-artes expedira 60 mil convites, que na maior parte foram utilisados. Tudo quanto Pariz conta de notavel nas artes, na litteratura, na politica, no jornalismo, a diplomacia e a formosura feminina, estava hoje no «salon». Havia *toilettes* deslumbrantes.

No «salon» figuram 2:586 quadros que occupam nada menos de 37 salas. O numero de esculpturas, gravuras, porcelanas artisticas, medalhas e projectos de architectura ascende a 1:059. Desenhos e pasteis, 1:119.

Os retratos formam o maior contingente da exposição. Ha nada menos de 500, entre elles alguns verdadeiramente notaveis, como os dos srs. Carnot, Ferry e cardeal Lavigerie.

Defronte de um retrato magistral representando Boulanger em corpo inteiro, agrupa-se grande multidão de curiosos. Tambam havia muita gente diante de um quadro de Dupuis, o pintor e critico de arte, morto hontem em duello; o quadro estava adornado de crepes.

A exposição está um tanto monotona pela falta de quadros notaveis. A opinião não se pronunciou assignaladamente por nenhum, para o proclamar superior a todos os outros, como succedeu nos annos anteriores.

Quanto ao nivel geral das pinturas expostas, os criticos consideram que o «salon» d'este anno é inferior ao do anno passado.

Comtudo a esculptura apresenta-se com um brio desusado. Ha esculpturas soberbas e grupos notabilissimos. Sarah Bernhardt expõe um busto em marmore.

**Os caminhos de ferro do mundo.**—Toda a humanidade tem querido andar a vapor. Por isso se multiplicam prodigiosamente os caminhos de ferro. Na Europa havia em 1881 172:732 kilometros de linhas ferreas; e em 1885 o numero de kilometros era de 195:057. No mundo todo havia subido a progressão nos mesmos annos de 393:868 kilometros a 487:740 kilometros, segundo os estudos de Hoffmann. A Belgica é quem possue mais linhas ferreas em cada 100 kilometros de superficie, isto é, 15 hilometros. Os Estados-Unidos é quem tinha maior extensão de linhas em 1885—207:508 kilometros.

As despezas feitas com a construcção das linhas ferreas em todo o mundo é orçada em 130.389.282:000 francos. As machinas ou locomotivas existentes calculam-se em 99:000, em 150:000 os wagons de viajantes e em 2.506:500 os de mercadorias. Com este material effectuou-sa em 1885 na Europa o transporte de 1:552 milhões de viajantes, 808 milhões de toneladas de mercadorias, e no mundo todo 2:100 milhões de viajantes, e 4:300 milhões de toneladas de mercadorias. Em media transportou-se cada dia no mundo todo em caminhos de ferro 6 milhões de viajantes e 3.600:000 toneladas de mercadorias. E ainda ha gente que queira ficar toda a vida em casa!

**Curiosa collecção.**—Está agora á venda em Londres uma collecção muito curiosa. E uma collecção de cadeiras historicas, formada por um amador original. Mencionaremos *em primeiro logar a cadeira de* Shakespeare. E' de madeira de carvalho, sem ser grande, nem ter estofo, mas n'ella gostava de escrever o auctor do *Hamlet*, como se indica n'uma longa inscripção escripta no tempo do celebre actor Garrick, e que se encontra nas costas d'aquelle movel illustre. No caso de necessidade, esta cadeira pódo talvez ilucidar um ponto historico, por isso que as suas dimensões tendem a provar que Shakespeare tinha uma estatura abaixo de mediana; a cadeira é pequena, como dissémos.

A par d'esta, que se deve considerar um monumento, encontram-se outras cadeiras que não deixam tambem de ter valor;—a cadeira de Anna Boleyn; a cadeira de descanso de Thackeray, ampla, commoda, é bem talhada; a cadeira favorita de Bulwer Lython, na qual elle escreveu as suas primeiras obras; a cadeira de Byron, magnifico movel á Luiz XIV, em veludo vermelho de Utrecht.

N'esta collecção encontra-se tambem uma cadeira que pertenceu a Napoleão I e outra a Luiz XIV, em veludo verde.

## SESSÕES PARLAMENTARES

### CAMARA DOS DIGNOS PARES

*Sessão de 7 de maio*

Presidencia do sr. João Chrisostomo; secretarios os srs. Ressano Garcia e conde de Paraty.

Abriu-se a sessão ás 3 horas da tarde. Presentes 22 dignos pares.

Acta approvada.

O sr. Oliveira Monteiro apresentou uma representação da Escola medico-cirurgica do Porto, pedindo alguns melhoramentos no seu ensino.

ORDEM DO DIA

*Projecto de lei sobre as penitenciarias*

O sr. Antonio Maria de Senna fez largas considerações sobre o systema penitenciario e defendeu o projecto.

A requerimento do sr. conde de Castro, entrou em discussão o projecto de lei sobre a antecipação dos direitos dos cereaes.

O sr. Hintze Ribeiro disse que reservava a sua opinião com respeito á proposta sobre os cereaes e perguntou se a mesma sempre se discutiria este anno.

O sr. ministro da fazenda disse ser esse o seu desejo e declarou que o governo não era intransigente nas disposições d'essa proposta, e que evitaria por todos os meios o augmento do preço do pão.

O sr. Barjona de Freitas disse ser conveniente registar estas declarações.

Foi approvado o projecto antecipando os direitos sobre os cereaes.

A discussão do projecto das penitenciarias ficou pendente para a proxima sessão, que se realisa na quarta-feira.

—

*Sessão de 9 de maio*

Presidencia do sr. João Chrisostomo secretarios os srs. Ressano Garcia e conde de Paraty.

Abriu-se a sessão ás 2 1/2 horas da tarde, estando presentes 24 dignos pares.

Acta approvada.

O srs. Hintze Ribeiro e Barreiros Arrobas instaram pela remessa de diversos documentos.

ORDEM DO DIA

*Projecto de lei sobre as penitenciarias*

O sr. Barjona de Freitas tallou largamente sustentando que a lei de 1867 não precisa de modificações essenciaes.

A requerimento do sr. visconde de Carnide, foi prorogada a sessão até ser votado o projecto.

O sr. Barros e Sá respondeu ao sr. Barjona de Freitas, combatendo-lhe os principios argumentarios.

O sr. Thomaz Ribeiro combateu o projecto, declarando consideral-o uma atrocidade.

(Quando o sr. Thomaz Ribeiro estava a fallar, entrou na sala o sr. Pinheiro Chagas, a quem s. ex.ª dirigiu palavras de saudação, que foram calorosamente apoiadas pela camara.

Depois de ter feito breves considerações sobre o projecto o sr. Miguel Osorio, foi o mesmo projecto approvado na generalidade e especialidade.

A sessão terminou ás 7 horas.

### CAMARA DOS SRS. DEPUTADOS

*Sessão de 7 de maio*

Presidencia do sr. Rodrigues de Carvalho; secretarios os srs. Francisco Medeiros e Alpoim Borges Cabral.

Abriu-se a sessão ás 3 horas da tarde.

Presentes 75 srs. deputados.

Foi lida na meza uma representação da camara municipal de Guimarães, pedindo a approvação do projecto secularisando a collegiada d'aquella cidade.

Os srs. Frederico Arouca e ministro das obras publicas trocaram explicações com respeito á isenção de impostos sobre os vinhos das zonas philoxeradas.

ORDEM DO DIA

*Interpellação sobre o porto de Lisboa*

O sr. Frederico Laranjo respondeu a alguns argumentos dos srs. Pedro Victor e Julio de Vilhena. Defendeu largamente o procedimento do sr. ministro das obras publicas.

Principiou a responder-lhe o sr. Pereira dos Santos, que ficou com a palavra reservada para ámanhã, por ter dado a hora.

—

*Sessão de 8 de maio*

Presidencia do sr. Rodrigues de Carvalho; secretarios os srs. Francisco Medeiros e Alpoim Borges Cabral.

Abriu-se a sessão ás 3 horas da tarde.

Presentes 75 srs. deputados.

O sr. Silva Cordeiro chamou a attenção do governo para o caminho de ferro do Tamega, cujos estudos foram feitos, segundo julga, precipitadamente, sendo aliás essa linha de grande importancia.

O sr. Jacintho Candido reclamou alguns melhoramentos materiaes para os Açores, referindo-se especialmente ao cabo submarino. Tambem disse desejar saber quaes as providencias que se tencionavam tomar para evitar sinistros nos theatros.

ORDEM DO DIA

*Interpellação sobre o porto de Lisboa*

Continuou no uso da palavra que lhe ficara reservada, o sr. Pereira dos Santos, que combateu novamente o projecto do porto de Lisboa, sob o ponto de vista technico de engenheria.

Disse que eram prejudiciaes as concessões feitas pelo sr. ministro das obras publicas á Companhia do Norte, acrescentando que, por causa da linha ferrea de Lisboa a Cascaes, ficando o terreno marginal occupado por essa linha, esta localidade será de futuro um porto, que fará, certamente, prejudicial concorrencia ao porto de Lisboa.

Principiou a responder-lhe o sr. Antonio Eduardo Villaça, o qual, como désse a hora, pediu para ficar com a palavra reservada.

—

*Sessão de 9 de maio*

Presidencia do sr. Rodrigues de Carvalho; secretarios os srs. Francisco Medeiros e Alpoim.

Abriu-se a sessão ás 3 horas da tarde.

Presentes 71 srs. deputados.

Acta approvada.

Os srs. Franco Castello Branco e Francisco José Machado referiram-se novamente á necessidade de ser approvado o projecto relativo á Collegiada de Guimarães.

O sr. Ferreira d'Almeida disse desejar que o couraçado que vae a Barcelona, por occasião da Exposição, fosse acompanhado por tres ou quatro torpedeiros. Tambem falou sobre a questão das pescarias, apresentando um projecto regulando as licenças que pagam as embarcações quando encalham para limpeza.

O sr. ministro das obras publicas disse que o governo tenciona nomear uma commissão para estudar a referida questão.

ORDEM DO DIA

*Interpellação sobre o porto de Lisboa*

O sr. Antonio Duarte Villaça continuou o seu discurso defendendo o procedimento do sr. ministro das obras publicas, na questão do porto de Lisboa, especialmente na parte technologica de engenheria.

## COMMUNICADOS

### AS SEMENTEIRAS DO MILHO

Estamos em principios de semeadura d'este cereal de primeira necessidade, e convém aos lavradores que possuem terrenos debeis e que não teem estrumes sufficientes dos curraes para a sua adubação, adquirirem os chimicos, e o adubo mineral por mim fornecido, o qual, segundo uma experiencia feita pelo acreditado negociante d'esta praça ex.^mo sr. Antonio José da Costa Guimarães, na sua quinta das Freiras, em Rio Tinto, deu muito bom resultado, distribuindo 500 kilos por hectare.

Como, porém, me vejo privado de não ter actualmente frete gratis para o meu adubo, sou forçado a vendel-o por um preço convidativo—de sete mil e quinhentos reis a tonellada, posto na estação de Louzada, limitando assim o meu interesse, só com a ideia de fazer com que os agricultores procurem por todos os meios legaes que pelo ministerio competente se conceda ao meu adubo a regalia que outros teem. As experiencias feitas em nabal, couves e flores deram muito bom resultado, mas é preciso qur o adubo seja applicado como manda o livro de instrucções, porque sendo distribuido em maiores porções, queima as plantas mimosas, como posso mostrar em um alfobre de couves que tenho no 4.° andar da casa que habito.

A's juntas de parochia, camaras municipaes e capecialmente aos reverendissimos abbades das freguezias compete influenciar com os seus parochianos o desenvolvimento da agricultura, que é a principal riqueza do paiz; emquanto se não constituem sociedades, companhias ou parcerias ruraes.

Assim como ha grande afan em occasião de eleições em fazer vingar qualquer candidatura, com mais gosto devem fazer por arrancar do cahos em que está este ramo importantissimo.

Se vamos a esperar só da iniciativa dos governos pouco conseguiremos, porque como muito bem disse o distinctissimo orador ex.^mo sr. Pinto Coelho, no grande congresso nacional, dignamente presidido pelo ex.^mo sr. D. José de Saldanha: Ao nosso parlamento só vão na maior parte individuos que não sabem as necessidades do povo, e porque? porque nunca conheceram miserias; são sujeitos só sahidos das Universidades, aonde só teem estudos theoricos, e é preciso que n'aquellas cadeiras se vão sentar tambem os praticos e um deputado e par do reino de cada classe, que alli vá defender com toda a boa vontade e força dos seus pulmões os interesses geraes do paiz.

Não é com discursos floriados em sessões consecutivas sem utilidade, a não ser para fins politicos, que a nação prospera; quer-se menos palavras e mais obras.

Os agricultores para adquirirem os adubos devem unir-se emquanto o governo presistir em não dar o frete gratis e fazer contracto com as companhias Norte, Leste e Beira, para que os generos destinados á agricultura tenham transito inteiramente insignificante, pprque estas companhias com isso nada perdem, attendendo ao augmento da producção que depois lhes dará grande resultado; devem pois aggremiar-se por sociedades ou percerias a mandarem ir wagons completos para lhes pagar muito menos frete.

O meu adubo, como tenho annunciado, não só faz desenvolver a planta, como é um preservativo contra a bixarada em consequencia das suas composições naturaes, que são as seguintes: *Aluminia e oxido de ferro—Acido phosphorico—Cal—Carbono—Estronciana—Magnezio—Materias azotadas—Potassa—Silica e Soda.*

Porto, 31 de março de 1888.

*Leopoldo Augusto das Neves.*

—

ADUBO AGRICOLA MINERAL

Porto, 16 de setembro de 1887.

*Sr. Leopoldo Augusto das Neves.*—Porto.—Em resposta á carta de v. em que nos pede lhe indiquemos quaes os resultados obtidos pelo **adubo agricola antiphylloxerico** que lhe haviamos comprado, temos a informal-o de que tendo-o applicado na nossa quinta, em Rio Tinto, denominada das Freiras, vimos que as vides novas, que com o referido **adubo** plantámos apresentam um desenvolvimento agradavel e de boa vegetação, bem como, tendo-o tambem applicado á cultura do milho n'uma porção de 500 kilos por hectare, este se desenvolveu e apresentou boa colheita.

Sendo o que nos cumpre dizer-lhe, somos com estima

De v.

att.^os e amigos

*Antonio José da Costa Guimarães & Filho.*

—

ADUBO MINERAL

*Resposta ao desmascarado sr. Manuel Joaquim Pereira, ou seja J.*

Emquanto não destruir as verdades amargas, para si e seus mandatarios, insertas no meu communicado de 15 do corrente ao jornal *O Commercio do Porto*, não lhe dou mais resposta alguma, porque as razões que adduzi em abono do meu adubo persistem de pé como um espectro que os aterra, e hão-de persistir sempre, emquanto houver logica n'este mundo.

Não é com sophismas nem com falsos patriotismos, que se cega a humanidade n'este seculo de luzes.

A questão todo o mundo sabe que é de *barriga;* e, portanto, diga aos seus mandatarios que a apertem bem apertada, e que me deixem em paz, a vender licitamente o meu adubo, ainda que lhes pese.

Recommendo-lhes paciencia, e ajuda mais um bocadinho de patriotismo para o tornarem mais conhecido.

Pela publicação d'estas linhas, sr. redactor, se confessa agradecido o seu assignante

*Leopoldo Augusto das Neves.*

## SECÇÃO AGRICOLA

### CHRONICA DE ABRIL E FACTOS DIVERSOS

OS PRODUCTORES DIRECTOS E OS PORTA-ENXERTOS AMERICANOS.—Manifesta-se n'este momento em França uma certa divergencia de opiniões ácerca do modo de empregar as cepas americanas resistentes: uns opinam que devem reconstituir-se as vinhas com productores directos; outros sustentam, ao contrario, que é necessario conservar as antigas castas indigenas, que fizeram a reputação de muitos vinhos celebres, enxertando-as em cavallos ou porta-enxertos de vinha americana resistente.

Na opinião do nosso excellente amigo, distincto viticultor e sabio professor do Instituto Agronomico de Paris, Mr. Pulliat, ambos os systemas são bons; mas nem um nem outro podem ser aconselhados como exclusivos, porque, conforme o meio em que se encontra o vinhedo, assim se deve usar ou de productores directos ou de cavallos para enxertia.

Effectivamente, n'um centro productor de vinhos baixos, onde a cultura da vinha é pouco esmerada e lucrativa, a adopção da enxertia é mais difficil, emquanto que os productores directos, ainda que mediocres, encontram boa acceitação, mormente se são rusticos e bastante ferteis. Além d'isso, é bem sabido que o pequeno proprietario tem toda a predilecção pelos productores directos, cuja multiplicação é mais simples e menos dispendiosa, sem se importar com a qualidade dos productos, mas sómente com a quantidade e rapidez da producção.

E' sobre tudo a cultura mais facil, mais simples, pouco differente dos antigos usos, que tenta os viticultores e os leva a empregar os productores directos, que não teem resistencia provada, e estão longe de valer tanto como a mais ordinaria das nossas castas indigenas.

E o facto é que os hybridos que tem vindo da America, ou porque as cepas que entram no crusamento são mal escolhidas, ou porque o solo e o clima tem influencia desfavoravel sobre as sementeiras, são, na sua quasi totalidade, caracterisados por um sabor especial, desagradavel ao paladar, e, pelo que respeita á resistencia, os hybridos americanos todos alimentam muita phylloxera nas raizes, e apenas conseguem aguentar-se em terrenos fundos de primeira ordem.

Não succede, porém, o mesmo com os resultados dos trabalhos de hybridação executados em França; bom numero de viticultores illustrados e de botanicos distinctos tem obtido já, por fecundações e crusamentos entre as cepas da Europa e as variedades americanas, alguns hybridos productores directos, absolutamente resistentes á phylloxera, pegando bem de estaca, adaptaveis a determinados terrenos, e dando fructos completamente isentos do gosto especial da uva americana.

Se as uvas dos hybridos creados em França não apresentam ainda o volume e a grande fertilidade de alguns productores directos que nos teem vindo dos Estados Unidos, isso é uma questão de tempo que será resolvida pela mesma fórma porque a pomologia resolveu o problema da creação de bellas variedades de peras, de pecegos, etc. O que não póde é exigir-se que esses resultados sejam promptos; a paciencia, a selecção cuidadosa das variedades americanas e europeas, que entram nos cruzamentos, o estudo minucioso das aptidões e qualidades de cada um, e o maior escrupulo em admittir na cultura sómente os hybridos de valor e absolutamente resistentes, hão-de forçosamente operar uma completa transformação na viticultura europea, permittindo a facil conservação dos antigos vinhos, que cada região produzia.

Esta transformação será provavelmente lenta, como são todas as obras da natureza, e, d'aqui até lá, é preciso reconstruir os vinhedos destruidos plantando cepas resistentes, que sirvam de cavallos ou patrões das castas indigenas. Só por este modo, actualmente, podemos produzir vinhos tão bons como os antigos e luctar vantajosamente contra o definhamento dos vinhedos e contra a concorrencia dos differentes paizes vinicolas.

E' certo que a plantação das vinhas enxertadas apresenta muito mais difficuldades que a dos productores directos; mas estas difficuldades não devem embaraçar o viticultor, que tem necessidade de defender os seus haveres, cumprindo-lhe tambem salvar a reputação dos vinhos do seu paiz.

Para isso, as estações competentes devem multiplicar as escolas de enxertia, e não devem descurar o ensino pratico da viticultura nos estabelecimentos especialmente destinados a este fim.

*(Continua.)*

## PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

*Diario de 7*

Conta do thesouro do mez de janeiro de 1888 referida ao continente do reino.

Annuncio de estar aberto concurso, pelo praso de 30 dias, para o provimento do logar de recebedor da comarca da Povoa de Lanhoso.

*Diario de 8*

Despachos da repartição do gabinete do ministerio da fazenda.

Annuncio de estar aberto concurso, pelo praso de 60 dias, para o provimento de logares de facultativos de 2.ª classe, nos quadros de saude do ultramar.

Portaria nomeando uma commissão para organisar o programma de estudos do novo regimen fiscal dos cereaes e dirigir as experiencias de moagens e panificação.

Mappas das patentes de invenção concedidas e caducadas no mez de fevereiro de 1888.

*Diario de 9*

Portaria mandando abrir concurso, perante o respectivo prelado, para o provimento da parochia de S. Paio de Visella, no concelho de Guimarães.

Portaria communicando á Associação dos advogados de Lisboa que o governo presta o seu auxilio para a realisação do congresso juridico luso-hespanhol em Lisboa.

Carta de lei fixando os direitos provisorios que devem pagar os cereaes, farinha e fava e considerando em deposito a differença entre estes direitos e os actuaes da pauta das alfandegas até resolução definitiva.

Proposta de lei apresentada ás côrtes sobre tal assumpto.

Relação dos concorrentes admittidos ás provas praticas para os concursos aos logares de primeiros e segundos aspirantes dos quadros dos correios.

Secretaria da camara dos pares—Representação do conselho da Escola medico-cirurgica da cidade do Porto, pedindo uma reforma no curso geral de medicina.

---

15 **Fernando de Vilhena**

# CURSO DE PISCICULTURA PRATICA

## PRIMEIRA PARTE

# OS PEIXES

Espantosa fecundidade é esta, que, aproveitada e convenientemente protegida, produziria a mais admiravel riqueza do mundo!

Os ovarios do peixe são duas tunicas, desprovidas de vasos umbilicaes, vão envolvendo completamente o vitellus, que vae sendo absorvido pelo embryão, na relação directa do seu desenvolvimento physico. Os ovos das especies, que se reproduzem no inverno, são dotados de um peso especifico relativamente grande, que lhes permitte descer immediatamente ao fundo das agoas, onde ficam ao abrigo das intemperies e das innundações, e onde encontram uma temperatura favoravel ao seu desenvolvimento e incubação.

Quando se aproxima a epocha da desova, o peixe manifesta uma actividade extraordinaria. Percorre extensões enormes em procura de leito proprio para depôr os ovos; vence correntes violentissimas; atravessa regiões diversas; suspende temporariamente a laboração do seu apparelho digestivo, para se entregar todo, exclusivamente, ás funcções prévias da conservação da especie. Opera-se, então, uma completa metamorphose no seu organismo; parece mesmo que o cerebro do peixe se illumina rapidamente com o clarão fulgentissimo da intelligencia. Reunem-se em bandos numerosos e sobe á parte menos profunda dos rios e canaes. Escolhe o ponto mais accessivel aos raios solares e ahi se installa para operar a desova.

A constituição dos testiculos ou glandulas seminaes do peixe é muito similhante á das glandulas ovogeneas da femea, não só na sua disposição, como na contextura das suas cellulas. A membrana do ovulo do peixe macho é, todavia, mais delgada, e não apresenta uma coloração tão limpida e transparente como a da femea. Os testiculos communicam entre si por meio de tubos ligados a um canal principal, que conduz ao exterior o liquido fecundante. Logo que chega ao estado de completa maturação, este liquido apresenta-se completamente impregnado de animalculos conhecidos pela designação de spermatosoides e que constituem o elemento primordial da procreação.

A femea apresenta n'esta occasião uma distensão molle do ventre, injectando-se violentamente de sangue o orificio anal, que começa a inchar e a offerecer o aspecto de uma tumescencia circular muito pronunciada. Os ovos destacam-se, então, dos ovarios pela sua propria desconexão, e vão, pelo seu peso, adherir ao leito das agoas se são de natureza *livre*, ou ás folhas das plantas aquaticas, ou aos ramos vegetaes, que cobrem o solo, se são de natureza *adherente*.

O macho procura a occasião da postura dos ovos e innunda-os immediatamente do liquido seminal. O contacto do ovo com este liquido é, porém, um phenomeno externo, realisado entre dois productos do organismo dos paes, mas combinado *fóra d'esse organismo*.

Os ovos do peixe não soffrem mudança alguma na sua coloração, durante o tempo em que se conservam na agoa, anteriormente á fecundação. Logo que cahe sobre elles o liquido seminal tornam-se rapidamente mais opacos, voltando muito lentamente á sua côr primitiva, e apresentando em seguida uma pequenissima mancha circular. Pouco depois, começa a esboçar-se em toda a esphera do ovo um arco de circulo, escuro, que augmenta morosamente de proporção. Este facto é indicio seguro de que a fecundação se operou em circumstancias normaes e favoraveis á reproducção. O arco desenhado no ovo é já o embryão do peixe, que se descobre atravez a transparencia da substancia mucilagilosa do ovo.

Taes são os processos geraes empregados pela Natureza na reproducção e multiplicação das especies, que povoam as agoas.

## CAPITULO XV

### Vitalidade dos espermatosoides

Deviamos, talvez, reservar este capitulo para a parte em que tractarmos especialmente da piscicultura artificial. Ha uma estreita correlação entre este assumpto e o bom exito dos processos da fecundação. E' preciso que se saiba qual o gráu de maturação dos ovos, que vão fecundar-se, mas é tambem essencial que se conheça o espaço de tempo maximo, por que póde demorar-se a manipulação, para que não se repita o facto, milhares de vezes succedido aos mais insignes operadores, de verem abortar completamente a operação, por terem perdido a vitalidade os espermatosoides contidos no liquido seminal dos exemplares reproductores.

E' por isso que comprehendemos a estranheza dos que acharem este capitulo deslocado do logar, que naturalmente lhe parecia designado. Temos, porém, de attender a que da vitalidade dos animalculos, a que nos estamos referindo, não depende só a fecundação artificial: a procreação ou reproducção operada pela Natureza, baseia-se principalmente na duração da vida dos espermatosoides.

Convinha, na verdade, á clareza d'este livro, aproximar das praticas artificiaes a analise anatomica d'estes animaes microscopicos, que insuflam a acção fecundante no liquido seminal dos peixes. Mas teriamos de deixar em aberto um dos pontos mais importantes dos orgãos reproductores e inverter a ordem natural da descripção dos phenomenos physiologicos que vimos apreciando. Preferimos, por isso, correr o risco de desagradar aos meticulosos a alterar o principio fundamental, que presidiu a este trabalho, e commetter conscientemente uma falta, que entre as outras muitas, de que a critica terá de accusar-nos, não seria, realmente a maior.

Como dissemos no capitulo precedente, o liquido seminal, que fecunda os ovos do peixe, está impregnado de uns animalculos de organisação desconhecida, que dão áquelle liquido todas as propriedades da fecundação. A duração da vida d'estes animalculos é relativamente pequena, chegando em algumas especies e em determinadas circumstancias de occasião, a prolongar-se apenas de tres a oito minutos, quando muito.

Em grande parte, a vitalidade dos espermatosoides depende do gráu mais ou menos elevado da temperatura. Assim, a temperatura mais favoravel á sua duração, entre as especies que desovam na primavera, é de 8.° a 10.°; das que desovam no estio, 20.° a 25.°; das que desovam no outono, 11.° a 16.°; das que desovam no inverno, 4.° a 7.°

Qualquer variante de temperatura, fóra do limite acima indicado, póde produzir a morte rapida e instantanea dos spermatosoides. Por aqui se póde avaliar da importancia que exerce na piscicultura, o conhecimento d'este phenomeno.

No 36.° tomo dos *Annaes da Academia das Sciencias*, de França, publicado em 1853, Mr. de Quatrefages prova exhuberantemente, n'um bem elaborado artigo, que temos á vista, que a vida dos esparmatosoides contidos no liquido seminal dos peixes é curtissima, e não póde, em absoluto, prolongar-se além de 8" a 10".

Se quizermos prolongar, durante algum tempo mais, para os effeitos da reproducção artificial, a vitalidade d'estes animalculos, deveremos conservar o liquido seminal dentro das membranas do ovulo do reproductor, e mantel-o a uma temperatura muito baixa. Effectuada a desova, proceder-se-ha immediatamente á segregação artificial d'esse liquido, para que o seu contacto com o ar, prolongado por muito tempo, não extermine os animalculos contidos no esperma. Dentro dos testiculos os spermatosoides conservam-se vivos durante algum tempo mais do que expostos directamente á acção da agoa.

## CAPITULO XVI

### Orgãos da vista

Os olhos do peixe são maiores que os dos outros grupos do reino animal, relativamente ao volume da cabeça, e estão suspensos d'uma orbita, cujo circulo é constituido por um numero muito variavel de ossos, que se denominam *infra-orbitarios*. Em algumas especies estes ossos são tão desenvolvidos, que chegam a defender a face com uma verdadeira courassa. Outras apresentam, porém, esses ossos em dimensões tão limitadas, que não conseguem proteger aquella parte do rostrum. Estes ossos são ordinariamente denticulados e guarnecidos de espinhas muito salientes e alongadas.

A disposição dos olhos varia extraordinariamente de familia para familia. Entre os pleuronectos, por exemplo, manifesta-se um phenomeno curiosissimo: os olhos estão situados um por cima do outro, exactamente do mesmo lado da cabeça. A pag. 253 do vol. II dos *Annaes de Sciencias Naturaes*, o insigne naturalista Steenstrup chega a provar á evidencia que este phenomeno é devido exclusivamente a uma especie de emigração do olho superior atravez da cabeça.

Todos os pontos do apparelho occular, que se acham em contacto permanente com as orbitas, estão cercados por uma substancia clara e gelatinosa especialmente encarregada de assegurar a mobilidade do olho.

Os movimentos do olho são dirigidos pelo centro do seu systhema muscular, que é composto de dois musculos obliquos, insertos no globo, em sentido transversal, e de quatro musculos rectos. Aquelles denominam-se: musculo obliquo

# PAGINA LITTERARIA

## O DIADEMA

*(De Fernanflor)*

A SUA MAGESTADE A RAINHA,
A PROPOSITO DA CATASTROPHE DO PORTO

—Está posta a carruagem, minha senhora, disse a creada.

E a senhora dirigiu um ultimo olhar ao espelho do seu toucador, e dispunha-se a sair.

Entrou o marido. Um marido como ha poucos. Casou-se ha anno e meio e ainda ama a esposa como no primeiro dia. E, na verdade, ella é adoravel! Formosa, elegante, intelligente, virtuosa e de alma nobre e compassiva, só tinha um defeito, era vaidosa. Duas horas esteve defronte do espelho admirando a sua *toilette* de baile e dispondo os laços e as flôres do vestido. Sobretudo, o que ella olhava, verdadeiramente encantada, era um lindo diadema, que brilhava como uma constellação chispante, entre os seus cabellos negros.

Havia dois mezes que ella o guardara no seu cofre de joias, dera-lh'o seu esposo no dia dos seus annos, e desde então, todos os dias o tirava do estojo, collocava-o na cabeça, olhava-se meia hora ao espelho, tirava-o e tornava-o a guardar, dizendo:

—Quando haverá um baile, para eu apresentar o meu bonito diadema?

Chegára a noite do baile e o diadema ia ser a inveja e a admiração das damas da côrte.

Triumphante e orgulhosa descia a escada do elegante palacio em que habitava, quando de repente se deteve, estremeceu e disse ao marido.

—Ouves?

—E' verdade!

—E' a campainha que annuncia Nosso Pae fóra. Quem estará em perigo de vida?

A campainha soava cada vez mais distinctamente; a comitiva parou á porta do palacio; o clarão pallido das vellas mesclava-se com a luz argentea do gaz, e começou a ouvir-se o murmurio sinistro de orações e os passos lentos dos que acompanhavam o Viatico.

—E' Deus! disse ella, e afastaram-se para dar passagem ao padre.

—Quem é que está tão perigosamsnte enfermo? perguntou ella ao porteiro.

—Senhora, respondeu-lhe este, ha duas noites encontrei alli, á esquina da rua, uma mulher estendida sobre as pedras e como morta. Uma creança de sete annos, orvalhava o corpo d'essa mulher com pranto de desesperação e dôr. Cheguei-me a ellas, interroguei-as e vi que não tinham aonde dormir, que a fome lhes tirára as forças e que morreriam ao desamparo. Trouxe-as para aqui e tenho-lhes dado pão e agasalho, mas os mens cuidados foram tardios para a pobre mulher, que está a expirar.

—E porque não me disse nada?

—Se o medico certificou que todos os remedios seriam inuteis...

—Em todo o caso devia avisar-me de que essa desgraçada recebia esta noite Nosso Pae.

—Minha senhora, v. exc.ª destinava esta noite para um baile e temi annuviar...

O baile! Ella nem já se lembrava d'essa exposição da sua formosura, da sua maravilhosa *toilette*, do seu esplendido diadema, d'esse triumpho da sua vida de mundana.

Passava por diante d'ella a ultima pessoa d'aquella triste comitiva; um andrajoso, que mais do que resava, grunhia. A' porta um lacaio, com o fardamento agaloado a oiro, esperava de chapeu na mão.

A senhora pareceu hesitar um momento entre sahir ou voltar para traz, mas de subito disse o marrido:

—Subamos.

A sobre-loja era uma casa muito propria para o que estava destinada, —guardar moveis velhos e esteiras rotas. Os trastes tinham sido collocados uns sobre os outros e no resto da casa havia uma pessima cama, uma meza a quebrar-se e duas ou tres das cadeiras menos partidas.

Sobre a cama estava a moribunda, uma mulher que parecia ter sido formosa e que talvez fosse ainda nova. Junto d'ella, de joelhos, com a cabeça occulta entre as mãos e esta sobre a roupa da cama, estava a pequenita, da qual apena se viam os vastos e sedosos cabellos loiros, os vestidos rotos e untuosos e as solas esboracadas dos sous pequeninos sapatos. Sobre a meza havia uma chavena com uma colher de pau dentro, um crucifixo sobre uma peanha, duas velhas que expandiam uma luz bruxuleante e dois copos servindo de jarros a dois pequenos ramos de flores. Respirava-se ali a tristeza pungentissima, que inspira a miseria, a saudade e a morte!

Ao ruido da gente, que subia a esda, a moribunda ahriu os olhos e a creancinha voltou a cabeça. O rosto da pequenita parecia uma rosa, mas uma rosa chá, palida e pendida. Quando todos entraram e ajoelharam e avançou o sacerdote, houve um silencio profundo.

Que humildade, que piedade, que respeito!

A moribunda ergueu-se apoiada nos braços de duas mulheres para receber o corpo divino.

O rosto livido animou-se e ergueu os olhos ao tecto como se esperasse ver ali uma figura celestial.

Em seguida estendeu os braços á filhinha, que se precipitou n'elles, exhalando um grito augustioso.

A comitiva, composta de miseraveis, pobremente vestidos e quasi descalços, formava um cordão, ajoelhada em frente dos moveis e das esteiras, silenciosos e tristes. Illuminava-os as tremulas luzes das vellas, que pingavam consecutivamente no sobrado... aquella senhora vestida de setim côr de rosa, deixando pousar a enorme cauda sobre os andrajos da miseria, e ostentando sobre os deliciosos cabellos um riquissimo diadema de brilhantes. Seu esposo de pé, de traz d'ella, tinha a cabeça respeitosamente inclinada e o *clac* collocado debaixo do braço.

Concluido o acto solemne, a comitiva dispunha-se a sair quando um incidente a deteve.

A moribunda, depois de chorar copiosamente sobre a cabeça de sua filha, erguera o rosto e lançára em volta um olhar de infinda amargura.

Era ditosa morrendo, porque punha termo ao infortunio, mas pungia aquelle pedaço da sua alma, que ficava no mundo, decerto destinada a morrer de fome!... Os olhos vaguearam-lhe pelo funebre circulo de silenciosos espectadores. N'esse momento parecia illuminada por esse relampago de lucidez que precede a morte. O olhar prendera-se a um foco de calor e luz, era a elegante senhora. Quiz chamal-a com a voz mas não pôde, consegui-o a muito custo com o olhar e o gesto. A senhora acercou-se chorando. A moribunda olhou-a com a fascinação com que a mariposa procura a luz. N'aquelle anceio iam curiosidade, duvida, esperança, receio...

Por um movimento authomatico, estendeu os braços e tocou o diadema com os dedos»; em seguida pousou a mão na fronte de sua filha. No rosto encantador da creança só havia innocencia e tristeza. A pobre mãe chorava soluçando... e todos formavam um concerto de prantos que cortavam o coração, quando a dama, tirando o diadema o collocou nos cebellos da creança, mostrando a assim á mãe engrinaldada de brilhantes.

A mendiga exalou um gemido profundo e caiu sobre a almofada. Era o ultimo alento.

Um instante depois a elegante dama entrava no seu toucador, levando a creança pela mão, ao mesmo tempo que a criada de quarto dizia ao criado, este ao porteiro e e porteiro ao lacaio:

—A carroagem pode retirar-se, os senhores não vão ao baile.

*F. Jacobetty.*

## A PROPRIEDADE E CULTURA DO MINHO

### OS HOMENS

E' hoje fóra de duvida, depois das tão celebradas explorações archeologicas do sr. Sarmento, que os antigos habitantes do Minho viviam no cimo dos montes em pequenos povoados, conhecidos tradicionalmente pelo nome de *citanias*, *cinanias*, *cividades* ou *castros*.

Estes grupos de casas redondas, contiguas, cercadas de duas ou mais séries de grossas muralhas de defeza, com ruas estreitas e tortuosas, abundam por toda a parte, e é raro haver monte escarpado e ingreme que não seja coroado por alguma d'estas ruinas, identicas, mostrando por isso homogeneidade de raça e costumes.

Os seus habitadores eram com certeza muito rudes, estacionarios sem duvida por causa do seu isolamento ou separação (1) n'um canto remoto da Europa, mas tendo já uma civilisação, provavelmente a que trouxeram comsigo, consoante demonstram os finos lavores das pedras, os restos da ceramica, e objectos de adorno, encontrados em muitos, como se póde avaliar pelos exemplares colligidos no Museu da *Sociedade Martins Sarmento*, em Guimarães.

Qual fosse a estirpe ethnographica d'essa gente não o poderam dizer com precisão os archeologos congressistas, reunidos em 1880 na Citania de Briteiros, maravilhados á vista d'essas ruinas e restos, representando segundo o voto geral n'uma reunião de muitas estações prehistoricas, desde a Irlanda até aos objectos encontrados em Mycenas por Schliemann.

Recentemente o sr. Sarmento (2) criticando os dados relativos á antiga população do Occidente, concluiu que os povoadores das *citanias* pertenciam á familia chamada *Ligur* que occupava todo o poente e meio dia da Europa, quando a invasão celtica partiu a unidade d'esse mundo, deixando os de cá separados e isolados d'elle e n'um estado primitivo em que os vieram encontrar os romanos, seus consanguineos.

Seja como fôr, esta população ligurica, pura ou mesclada, antes da occupação romana, e evidentemente durante ella até á chegada dos invasores do norte, tinha uma distribuição muito diversa da actual.

Vivendo em grupos urbanos nos pincaros, em povoações de casas pegadas, o que indica um parentesco latino, cercados de terras bravias, como se póde verificar ainda hoje, e improprios para qualquer cultura, a sua vida deverá ser mais pastoril ou de caçadores que d'agricultores propriamente ditos.

Se escolheram tal situação, ou porque d'esses cerros elevados podiam avistar a maior distancia os agressores e defender-se mais facilmente, ou se tinham chegado por mar, as ondulações do terreno representando as vagas, quando não era possivel vel-as ao longe, lhes recordariam melhor a patria abandonada—é certo porém que essa situação era a mais impropria para cultivar as boas terras, no fundo, distantes e com grande difficuldade de transito, sobretudo para um trabalho de todos os dias.

A agricultura, dadas estas condições, havia de ser muito limitada: todavia o gado miudo seria cuidadosamente tratado e guardado nos estreitos compartimentos proximos ás casas, munidos com argolas de pedra: os grandes animaes poderiam ser recolhidos entre a primeira e a segunda ordem de muros; em todo o caso os habitantes deviam tirar a sua principal alimentação quer d'esse gado, da caça e dos fructos silvestres, como permittem presumir as glandes carbonisadas, descobertas em Briteiros. Serviriam para reduzir estas a farinha as mós toscas e manuaes que se encontram em grande quantidade em qualquer d'estas ruinas, ou conheceriam já os grãos panificaveis?

N'este theor de vida, a população acastellada nos penhascos, o mato, a urze, as silvas e toda a vegetação espontanea dos paizes graniticos cobrindo a maior extensão, vieram encontrar a provincia os romanos, não devendo por fim estranhar estes agrupamentos, fechados por grossas paredes de pedraria que lhes haviam de relembrar as antigas povoações italiotas. Quaesquer que fossem estes barbaros, eram como elles, como todo o mundo italogrego, uma gente de cidades (3).

Assim o supuzeram muitos escriptores da antiguidade classica, como Justinius, Plinius, Sil, Italicus e outros; surprehendidos pela semelhança de costumes, ritos, pronuncia, typos, etc., d'estes povos com os gregos, entenderam ser de tal origem os que estacionavam ao norte do Douro, attribuindo a fundação de colonias hellenicas. (4) Os eruditos modernos encontravam a grande difficuldade de explicar como e quando taes colonias se fundaram. Admittida porém a theoria luminosa do sr. Sarmento, todas as duvidas desapparecerão, salvando-se a affirmação explicita dos antigos. Esses homens de raça italo-grega, tinham vindo para a peninsula na mesma época, em que aquella se fixou nas costas e ilhas do mediterraneo. Mas os que avançaram para estas paragens separados e destacados d'esse grande mundo na Grecia e Italia, pela chegada dos celtas, ficaram estacionarios conservando a primitiva civilisação que possuiam, quando emigraram para aqui.

Immobilisados na *do bronze*, ignorando os progressos posteriores, visto terem-lhes sido cortadas as communicações com a descida dos celtas, não é de estranhar que esse caracter archaico da sua sociedade, já observado pelos viajantes gregos que os visitaram depois da queda de Carthago, se prolongasse até á chegada dos romanos.

*

A primeira expedição d'estes que entrou na provincia foi commandada por Decius Junius Brutus em 138 A. C.: vindo do sul atravessou o Douro e venceu os povoadores das citanias até ao rio Minho. Refere-se a este general a legenda do Lima, cuja pasaagem os soldados receavam por medo do esquecimento (5).

A campanha, se augmentou os louros do consul por se ter aventurado tão longe e entre gentes tão desconhecidas, comtudo pouco mais foi que um reconhecimento. Partido o exercito, os barbaros voltaram á sua independencia. Depois, crê-se, Julius Cesar tambem aqui entrára (72 60 A. C.), mas mais por necessidade d'uma manobra militar, que com o fim de a subjugar. A reducção completa ao dominio de Roma deve datar-se desde Augustus (26 A. C.): em seguida ás suas victorias sobre os cantabros asturianos e por fim desde as d'Agrippa, a Espanha pacifica-se e com a paz geral começa a romanisação da provincia.

Foi Augustus quem estabeleceu uma nova divisão na peninsula, em virtude da qual o Entre Douro e Minho foi destacado da Lusitania e encorporado na Galliza, que ficou pertencendo á Terraconense; dividida aquella em duas circumscripções juridico administrativo militares, *conventus juridici* uma d'ellas teve Braga por capital e por isso se chamou Augusta: comprehendia esta ultima além do Minho actual a léste aproximadamente o moderno Traz-os-Montes e ao norte entrava pela Galliza dentro (6). Abrangia segundo Plinius (7) 24 *civitates* e 175:000 chefes de familia *(capitum)* ou familias. Quaesquer que fossem os seus limites precisos, esta divisão não foi tão transitoria como muitas outras. Sobreviveu ao imperio e chegou com o mesmo nome de *conventus* ao seculo V, como logo se verá, e mais tarde apezar dos extraordinarios acontecimentos do VIII foi com fronteiras um pouco alteradas o Condado Portugalense.

Todos esses povos e gentes mencionados por Plinius, como os deixades de proposito por elle em silencio pelas suas designações serem demasiadamente barbaras, e os que se acham inscriptos na Lapide de Chaves, (8) todas essas povoações conhecidas de uma maneira vaga e indeterminada pelos escriptores antigos, não eram mais que as «citanias, civitates et castella», como subsequentemente as denomina Idacio, conservadas e habitadas pelos conquistaderes, pois tambem era d'elles essa vida (more latino». Nem póde soffrer a menor contestação que n'ellas residiram durante quasi todo o seu dominio, como provam os numerosos vestigios ahi encontrados desde as inscripções em latim até á moeda de Constantinus, achada em Briteiros. (9)

Não cabe no quadro presente o estudo especialisado da administração romana, o que aliás já está feito e bem feito, (10) mas sómente consideral-a nos termos mais geraes sob o ponto de vista da civilisação provinciana.

Vencida a população, os conquistadores começaram uma obra mais profunda e duradoura que as glorias militares. Estabelecidos em Braga, a séde do governo, e percorrendo as outras povoações, foram elles que lhes ensinaram a aproveitar as suas terras, o direito da propriedade, os differentes modos de aquirir, a delimitação das glebas com marcos, etc., e deram-lhes a sua palavra villa para designar uma propriedade rustica, termo que sobreviveu a todas as invasões e devastações posteriores até chegar quasi á fundação do estado portuguez.

Assim, quando em consequencia das novas necessidades, a vida se tornou mais exigente e foi preciso augmentar e melhorar a cultura, se é que esta já existia antes, começaram então a despontar as villas (casas de campo) e *villares* (logares abertos de poucos fogos sem arruamento) abrigados pelas citanias que seriam como os centros urbanos, em volta dos quaes se desenvolvia a agricultura e civilisação romanas.

Sirva de exemplo o seguinte facto. A meia altura do monte, onde estão as ruinas da Citania de Paços de Ferreira, na vertente de Roriz (concelho de Santo Thyrso) encontraram-se no logar hoje chamado da Senhora de Negreilos uma lapide funeraria romana e o resto d'uma columna votada a Jupiter, colleccionados no Museu da Sociedade Martins Sarmento. A população expandindo-se, descera já do pincaro agreste para as proximidades das terras ferteis. Exemplos d'estes, encontrando-se commumemente, mostram a transformação operada nos costumes anteriores, e como uma nova ordem de coisas emergiu sob o influxo d'uma direcção superior.

O dominio romano durou aproximadamente 437 annos, durante este longo tempo a provincia em paz e em relações intimas com os dominadores, seus parentes proximos, sahiu rapidamente do immobilismo anterior; e fundindo-se na sua civilisação, romanisou-se, como se costuma dizer, por completo. Esta romanisação teve innegavelmente a maior importancia desde a lingua culta que aprendeu até ao direito, instituições civis e administrativas e a agricultura que d'elles recebeu. E tão forte foi e tão profundamente penetrou esse ensino que quando os conquistadores desappareceram, a sua civilisação ficou para nunca mais se extinguir.

Não se limitando a sua acção a este ou áquelle ponto, mas estendendo-se a toda a superficie, mesmo aos mais remotos, d'esta epoca encontram-se monumentos dispersos por tóda a parte: constroem-se as famosas vias militares por onde juntamente com os exercitos circulam as ideias e a nova vida; e a cada passo se topam cemiterios, columnas, lapides funerarias e votivas, restos de templos, tudo emfim o que deixa um povo civilisado.

Se é verdadeira a indicação de Plinius, quanto ás 175:000 familias, todo o convento juridico de Braga teria uns 700:000 habitantes, e o Minho, representando aproximadamente uma quarta ou quinta parte da circumscripção, seria habitado por umas 140:000 ou 175:000 pessoas.

Este numero é todavia muito áquem da verdade: basta considerar que as *civitates* (citanias) deviam ser muitas mais que as vinte e quatro referidas pelo escriptor, a avaliar pelas ruinas existentes só n'esta região. Por isso é de crer que mencionasse apenas as mais importantes, deixando de lado as somenos, cuja somma comtudo eleva notavelmente a população. Mas dobrada esta, será ainda assim muito inferior a actual.

Esses homens fortes e duros, pois escolheram para sua residencia os cerros mais desabrigados e inhospitos onde arrostavam bravamente com as intemperies, eram com certeza intelligentes e bons, porque souberam aprender e ganharam depressa o tempo que tinham perdido.

Possuindo já uma extensa agricultura e um elevado desenvolvimento social, com a assimilação das novas instituições, foram em seguida subjugados por outros conquistadores que, substituindo-se aos anteriores, occasionaram um novo periodo historico.

No principio do seculo V o dominio romano chegava ao seu termo: a civilisação introdusida por elle vae parar ou retrogradar pelas guerras e devastações, provocadas pela irrupção dos povos germanicos,

Em 409, Gerontius, encarregado de guardar os Pyrenéus pelo filho de Constantinus—o soldado de fortuna revoltado contra o imperador Honorius, abre as portas da Hspanha aos vandalos alanos e suevos.

Durante o primeiro periodo, a invasão passa com uma corrente desordenada, seguindo-se-lhe a fome e a peste, descriptas extensa e terrivelmente pels contemporaneo Idacio, bispo de Chaves: descripção muito conhecida, mas certamente assaz exagerada, porque queria a ordem antiga arruinada e o seu paiz invalido por estrangeiros. Essas duas pragas deveram grassar com intensidade, matando bom numero de pessoas, mas não de tal modo que destruissem quasi a população, vista a resistencia immediata que encontraram os invasores.

Esta fome e peste, consequencias fataes da imprevidencia barbara, segundo a phrase de Michelet, apparecendo em todos os paizes invadidos, propagaram-ss tambem na Galliza, onde os novos conquistadores chegaram em 411 (11) e provavelmente por causa d'esse estado anormal se apresssáram no mesmo anno a dividir entre si a Espanha *ad pacem ineundam*. (Idacio). (12)

Ficam na Galliza os suevos e vandalos: mas estes são pouco depois expulsos pelos primeiros, que se fixam n'ella para nunca mais a abandonar, quer como reino independente quer como vassallos dos wisigodos.

Os suevos pertenciam á confederação dos alemani ou alemaens, da familia teutonica e occupavam o sul da Germania. Tinham passado o Rheno por 406 e andavam guerreando e saqueando a Gallia, quando Gerentius os chamou para sustentarem Maximus que elle acabava de proclamar imperador.

Raça de tribus, acostumada a viver em logares abertos, habitando terrenos vastos, desconhecendo a propriedade territorial, guerreira e despresando a agricultura, imprevidente pelo costume de mudar de sitio amiudadas vezes, e principalmente n'essa época dominada pelo desejo de correr mundo—era de ver a impressão que sentiriam n'um paiz de cidades fechadas, onde tudo estava definido por uma legislação refinada e meticulosa: por ventura a mesma que seculos antes, na primeira invasão os gaulezes receberam na Italia em face dos muros cyclopeos das cidades etruscas.

Antes que se estendessem uns e outros, homens da cidade e da tribu, deveriam sustentar entre si luctas porfiadas, produzindo os vexames, rixas, roubos e morticinios a que se refere constantemente Idacio no seu chronicon.

A Galliza tornou-se então um extenso territorio, incluindo todo o canto noroeste da peninsula, lemitada ao sul pelo Douro e a léste aproximadamente por uma linha desde este rio, passando um pouco adiante de Placencia, até terminar em Santander. (13)

N'esta vasta extensão que contém hoja a Galliza, Asturias, Leon, parte de Castilha velha e o norte de Portugal, a raça devera ser homogenea, e a sua historia é identica até á formação dos modernos estados peninsulares. Mas no caso presente convem distingnir a parte relativa ao Minho, objecto d'este estudo.

Idacio não precisa, como era de desejar, os differentes tratos, senão incidentemente e sempre d'uma maneira vaga. Todavia é designado por elle com a denominação de *confins* da Galliza. Quando Rechiar foi vencido por Theodorich junto de Urbedo, diz no anno 456 que o suevo fugira *ad extremas sedes Gallœciæ*, accrescentando *ad locum qui Portucale vocatur*. Falando da entrada do vencedor em Braga, nota *ad Bracaram extremam civitatem Gallœciæ*. O antigo districto romano parece subsistir ainda, pois escreve *In conventus parte Bracarensis*.

Sabe-se como os germanos procediam nas suas invasões. No primeiro momento destruiam tudo. Depois quando attentavam no bello edificio da civilisação romana e viam que a destruição cega apenas produzia a fome e a peste, uma vez cantonados n'uma região, tratavam de se amoldar mais ou menos aos costumes dos vencidos, n'um estado muito superior de desenvolvimento. Os godos tomaram na Aquitania duas terças partes das terras e um terço dos escravos; outros, os herulos e lombardos, contentaram-se com um terço de tudo. (14) Esta divisão não era tão vexatoria como parece hoje, se se considerar o abandono da cultura, que tinha acontecido n'esse tempo, pelas insaciaveis exacções do fisco. Alojados nas casas dos vencidos, alguns de caracter mais dôce, conservavam para com estes a mesma cortezia dos antigos clientes, como dos burgundes conta Sidonius. (15)

Quando o imperio se desconjuncta, a situação era intoleravel para os povos dominados por essa machina formidavel. Dir-se-hiam escriptas para caracterisar a avidez tributaria dos nossos governos as seguintes palavras d'Orosius: «*ut inveniantur jam inter eos quidam Romani, qui malint inter Romani, qdi malint inter barbaros pauperem libertatem quam inter Romanos tribo tariam sollicitudinem sustinere.*

A Espanha governada pelas mesmas leis estava em circumstancias identicas: e o mesmo Idacio não hesita em chamar *tyrannicus* ao *exactor* (an. 410) que á chagada dos invasores fugira cobardemente levando comsigo as *opes et conditam in urbibus substanciam.*

No primeiro momento cada um se defende como póde: immediatamente depois começam as embaixadas, que duram por todo o seculo, entre os gallegos e os godos, pedindo aquelles protecção e mandando estes legados com as condições da paz, que não podiam ser outras sanão as mesmas ou semelhantes ás estabelecidas pelos godos em relação aos seus romanos.

Todavia, essa paz estava sempre a ser perturbada: parte da população vivia em povoados fortificados, e só a esta se refere Idacio, sendo omisso a respeito da que residia nas *villas e villares* abertos, cuja existencia anterior já se verificou.

Foi aqui sem duvida onde se alojaram os invasores á sua chegada: e d'ahi accometteriam as citanias e os castros, d'onde partiria a resistencia. Com os habitantes das villas firmavam a paz, segundo o costume wisigotico, como é de supor por terem sido as condicções dictadas por estes, quebrando-a com os outros.

O alojamento e divisão de bens constituem, é de crêr, a *servitude*, a que os hispanos se sujeitaram: mas seria ella maior que a infligida pelo *tyrannicus exactor?* Parece que não: o mesmo Idacio que tambem foi embaixador, apenas lamenta que os suevos não guardem as condições da paz, e por isso os denomina *per fid et fallaces*: mas isso naturalmente não podia acontecer, vista a resistencia das cidades fechadas, em que os hispanos se recolheriam a proposito de qualquer dissenção e d'onde sairiam em caramuças.

A pacificação só se estabeleceu de vez, acaso quando as *civitates et castella* foram reduzidas e a situação se tornou a mesma para todos. A opposição dava-se principalmente nos *medias partes Gallœciæ*, em quanto nos *extremas* (na nossa região) não ha nenhuma nota de resistencia nem de pilhagens militares.

*Alberto Sampaio.*

(Continúa).

(1) F. Martins Sarmento: *Os Argonautas* cap. XII e especialmente pag. 257 e seg.
(2) Obr. cit.
(3) Michelet: *Hist de France*, I, pag. 12.
(4) Pode-se vêr em Argote, *Mem. H. Ec. Ar. B.* I, cap. IV, a reunião e discussão de todos os textos dos escriptores latinos e gregos a este respeito. Veja-se tambem Amaral, *Mem. de Litt. da Acad.* vol. I, pag. 17, 19 e 29. Herculano, *Hist. de Portug.* I, pag. 17, admitte a existencia de colonias gregas *nomeadamente nas margens do Minho e Douro. subindo pelas suas fozes.*
(5) Argote: *De Antiq. Conv. Brac.* pagina 28.
(6) Argote: *Mem. H. Ec. B.* I, pag. 79.
(7) *Nat. Hist.* Livro III, IV — Edic. Fir. Didot.
(8) Argote: *De Ant. Conv. Br.* 114; Florez, *Esp. Sagr.* IV; 313, rectifica a lição d'Argote.
(9) F. Martins Sarmento: *Argonautas*, pag. 288.
(10) Amaral: *Mem de Litt da Ac.* t. II.
(11) *Esp. Sagr.* IV, pag. 305.
(12) Obr. cit. mesmo tom. Apendice.
(13) Ob. cit. mesmo tom. Carta.
(14) Michelet: *Hist. de Fr.* 1, pag. 174.
(15) Ob. cit pag. 175.

---

18

## FOLHETIM

WALTER SCOTT

### IVANHOÉ

OU

### O REGRESSO DO CRUZADO

Escolheu um novo cavallo cheio de fogo e ardor, armou-se com uma nova lança, com medo que a haste da primeira se não tivesse enfraquecido com os embates, que tinha sustentado nos tres primeiros encontros. Mudou tambem de escudo, visto o de que se tinha servido ate então estar algum tanto abalado, e tomou outro das mãos dos escudeiros: O primeiro só tinha por armas as da sua ordem; eram dous cavalleiros montados sobre o mesmo cavallo, emblema da humildade e pobreza, primitivas dos templarios, virtudes substituidas depois pela arrogancia e opulencia que acabaram por conduzi-los á sua destruição. O novo escudo do templario representava um corvo despregando um largo vôo, sustentando um craneo nas presas, e a devisa escripta em baixo era: *Guarda-te do corvo.*

A impaciencia dos espectadores subiu de ponto, quando viram os dous campeões postos em frente um do outro nas extremidades da liça. Quasi todos os votos eram pelo cavalleiro desherdado, mas quasi ninguem esperava que o combate acabasse em seu favor.

Assim que as trombetas deram o signal, os dous combatentes lançaram-se um contra o outro com a rapidez do relampago, e encontraram-se no meio do circo com um ruido similhante ao d'um trovão. Fizeram-se em pedaços as lanças, e julgaram-nos um instante derribados a ambos, pois, com a violencia do choque, os cavallos tinham acuado, e não vieram a terra pela destreza com que os cavalleiros ambos os sabiam governar. Os dous rivaes de gloria olharam um para o outro um instante com os olhos, que dardejavam lume a travez das vizeiras, e retirando-se outra vez para as duas extremidades do circo, receberam uma nova lança das mãos dos escudeiros.

Acclamações unanimes annunciaram o interesse que os espectadores tinham tomado n'este encontro, o mais igual e o mais bem medido que até ali tinha havido. As senhoras faziam fluctuar os seus lenços e fitas em testemunho da sua satisfação. Mas, logo que os cavalleiros tomaram cada um o seu posto, succedeu aos clamores um silencio profundo: dir-se-ia que toda aquella immensa multidão não ousava respirar.

Concedeu-se aos combatentes uma pausa d'alguns minutos, a fim de que podessem tomar a folego, assim como os seus cavallos. Depois, tendo o principe João dado o signal, as trombetas tocaram ao ataques, e os dous campeões partiram pela segunda vez com igual impetuosidade; encontraram-se com a mesma destreza e vigor, mas não com a mesma fortuna.

O templario n'este segundo encontro, dirigiu a sua lança ao centro do escudo do seu adversario, e déu-lhe um golpe tão acertado e com tanta força, que o transtornou sobre as ancas do cavallo, mas sem perder a sella. Da sua parte o canpeão desconhecido tinha, desde o começo da sua carreira visado com a sua lança o escudo do seu inimigo; mas, mudando de pontaria no momento mesmo do encontro, a dirigiu ao capacete, ponto mais difficil, mas que, quando se acerta, torna o choque irresistivel. Apesar d'este inconveniente, o templario teria sustentado a sua alta reputação, se as cilhas do seu cavallo se não tivessem rompido, o que o fez saltar fóra da sella. E, com isto, o cavallo e cavalleiro fôram derribados e rolaram pela terra.

Desembaraçar-se dos estribos foi para Bois-Guilbert cousa de pouco momento. Enfurecido com a sua desgraça e com os applausos universaes que se davam ao vencedor, tirou a espada e fez signal ao cavalleiro desherdado para que se puzesse em defesa. Este saltou lestamente abaixo do cavallo, e puchou igualmente da sua; mas os marechaes do torneio chegando a toda a brida, os separaram e disseram-lhes que este genero de combate não lhes podia ser permittido n'esta occasião.

— Tornar-nos-hemos a vêr, segundo me lisongeio, disse o templario ao seu vencedor, encarando-o furioso, e em logar em que se não ha de achar ninguem para nos separar.

— Se acaso isso não acontecer; não será por minha falta, respondeu o cavalleiro desherdado, a pé ou a cavallo, com a espada ou com a lança, sempre heide estar prompto a medir-me comtigo.

Não pararia ali a disputa se os marechaes, cruzando as suas lanças entre elles, os não tivessem obrigado a separar-se. O cavalleiro desherdado voltou-se caminhando para a porta do norte, e Bois-Guilberte entrou na tonda, onde passou o restante do dia entregue á raiva e ao desespero.

Sem se apear do cavallo, o vencedor pediu vinho, e abrindo a parte inferior do seu capacete, annunciou que bebia á saude de todos os verdadeiros corações inglezes, e á confusão de todos os tyrannos estrangeiros. Ordenou então ao seu trombeta de tocar a desafio aos mantenedores, e encarregou um arauto de lhes declarar que sua intenção era de os combater successivamente, na ordem em que quizessem apresentar-se. Fiado em sua força e estatura gigantesca, Cabeça-de-Boi foi o primeiro que saiu ao campo. Seu escudo tinha sobre um campo de prata, uma cabeça de touro nogra quasi apagada com os immensos botes que já tinha supportado. Era sua devisa duas palavras latinas cheias d'arrogancia: *cave, adsum*, isto é: Eis-me, acautéla-te. O cavalleiro desherdado obteve sobre elle uma leve vantagem, mas decisiva. Os dous campeões quebraram ambos as lanças, mas Cabeça-de-Boi, tendo perdido os estribos no choque, foi declarado vencido pelos marechaes.

O desconhecido não obteve menor successo combatendo contra sir. Filippe Malvoisin. Foi ainda declarado vencedor, porque deu um tão vigoroso bote de lança no elmo do seu adversario, que as correias que o prendiam se quebraram, de sorte que lhe ficou a cabeça descoberta.

No seu encontro com sir Húgues de Grantmesnil, o cavalleiro desherdado mostrou tanta cortezia, como já tinha mostrado destreza e vigor para com os precedentes cavalleiros. Como o cavallo de Granimesnil, por ser novo e fogoso, se empinasse no meio da carreira, e tolheese ao cavalleiro de servir-se da lança, o desconhecido, bem longe de tirar proveito d'este accidente, levantou a sua lança chegando-se ao pé d'elle, fazendo-a passar por cima do seu capacete, como para mostrar sómente que o poderia ter tocado, se acaso o quizesse. Fazendo então voltar o seu cavallo, foi tomar o posto perto da porta do norte, e encarregou um arauto de perguntar a Grantmesnil se por ventura queria renovar o combate: mas Grantmesnil respondeu, que se reconhecia vencido, tanto quanto pela cortezia, como pela destreza do seu antagonista.

Ralph de Vipont completou o triumpho do desconhecido. Foi derribado do cavallo com tal força, que lhe rebentou o sangue pella bôcca e nariz. Levaram-no os escudeiros nos braços, perdidos os sentidos. Mil acclamações longo tempo prolongadas acolhéram a declaração unanime do principe e dos marechaes, que o cavalleiro desherdado tinha levado a todos a palma n'aquelle dia.

IX

Via-se uma dama
No centro, cujo porte magestoso
Estatura e belleza demonstravam
Ser sua rainha.
.....
Tanto em beldade ás outras sobrepuja,
Quanto em nobreza as vencem seus ornatos,
Aurea c'rôa lhe cinge a linda fronte;
Simples, com gosto, rica, mas sem fausto,
Nas mãos sustenta um ramo d'agno-casto,
Sobre si mostra o symbolo do commando.

*Dryden.*

William Wyvil e Etienne de Martival, marechaes do torneio, foram os primeiros que deram ao vencedor os parabens da victoria. Rogaram-lhe ao mesmo tempo lhes concedesse, que lhe desenlaçassem o elmo, ou ao menos que levantasse a sua viseira para vir receber o premio do torneio das mãos do principe João. O cavalleiro desherdado recusou-se ao seu convite, visto que não podia fazer-se conhecer n'este momento por motivos que tinha explicado ao arauto antes de entrar na liça. Os marechaes não insistiram, pois que entre os votos singulares que faziam os cavalleiros n'este seculo, não havia nenhum mais usual do que o de ficar incognito até que tivessem terminado certas façauhas, ou aventuras. Os marechaes não procuram pois penetrar os segredos do cavalleiro vencedor, e, annunciando ao principe o desejo que tinha de não ser conhecido, pediram-lhe a premissão de o apresentarem para que pudesse receber a recompensa do seu valor.

A curiosidade de João foi excitada pelo mysterio com que o estrangeiro se queria occultar, e já descontente com o resultado do torneio, no qual os mantenedores, que elle favorecia, tinham sido successivamente vencidos por um só cavalleiro, respondeu aos marechaes com altivez:

— Pelos olhos de Nossa Senhora, este cavalleiro foi desherdado de sua cortezia como dos seus bens, pois que deseja comparecer diante de nós com a viseira callada. Cavalleiros, accrescentou elle voltando-se para os seus cortezões, algum de vós poderá adevinhar quem é este desconhecido que se conduz d'uma forma tão estranha?

— Não hei de ser eu, diz Bracy, e não julgava que em toda a Inglaterra se achasse um campeão em estado de vencer, em uma mesma justiça, estes cinco cavalleiros. Bofé que nunca me esquecerei do vigor do golpe, com que derribou Viponte. O pobre hospitaleiro foi precipitado de cima da sella, como uma pedra lançada d'uma funda.

— Não vos vanglorieis, respondeu um cavalleiro de S. João que estava presente; o vosso amigo templario não teve melhor sorte. Vi Bois-Guilbert rodar trez vezes sobre si mesmo no circo, agarrando cada vez uma mão cheia de terra.

*(Continúa.)*

# CORREIO DE LISBOA

11 DE MAIO DE 1888.

Ainda se discute a interpellação que diz respeito ás obras do Tejo! Crê-se porém que tão enfadonha questão terminará ámanhã. Nem deve ir além d'isso. Depois seguir-se-ha o que mais urgente for, entrando n'este numero o orçamento ou lei de meios, sem o que não póde encerrar-se o parlamento.

A discussão da interpellação sobre as obras do Tejo deu o que não podia deixar de dar—a mais completa justificação do ministro, que não fez mais do que acompanhar a opinião dos engenheiros mais distinctos do paiz. Na honra do ministro ninguem se atreveu a tocar. Compare-se este procedimento da opposição parlamentar com o que disse a imprensa da opposição e facilmente se chegará á conclusão de que o modo porque esta procedeu é inteiramente condemnavel.

O sr. deputado Ferreira d'Almeida levantou no parlamento a questão das pescarias, e fez n'isso bom serviço. A extinecção do mexilhão na ria d'Aveiro é assumpto muito sério, que deve merecer e que ha de merecer decerto a attenção do respectivo ministro. Assim o affirmou o sr. Navarro, quando teve de responder ao illustre deputado por Faro, e aquelle ministro sabe cumprir o que promette, tendo sempre em attenção os interesses do paiz. E' de crer pois que dentro de pouco algumas providencias apareçam sobre tão importante assumpto.

— Foi apresentado hoje ao parlamento o projecto de lei de receita e despezas ordinarias e estraordinarias do Estado para o exercicio de 1888-89.

A receita ordinaria é fixada em reis... 38.371:740$000
As despezas ordinarias em reis..... 38.488:454$000

Deficit..... 116:714$246

A despeza estraordinaria é fixada em 1.748:053$474 reis. Para fazer face a esta despeza são de sobra os recursos creados pelas propostas relativas ao porto de Leixões e aos caminhos de ferro ao sul do Tejo.

— O sr. ministro do reino, por despacho de hoje, approvou a deliberação da commissão executiva da junta geral, para a compra das ruinas da caza do sr. visconde d'Almeidinha, em que a commissão resolveu edificar o palacio para as repartições publicas. E' pois negocio concluido esse que tanto interessa a Aveiro.

— Assentuam-se as melhoras de sua magestade el-rei. E' um cavalheiro que tem entrada franca no paço quem m'o affiança. Noticia é esta que todos recebem certamente com prazer.

— Tem passado incommodada a ex.ma sr.ª D. Maria Emilia de Seabra e Castro. Cercam esta illustre dama os cuidados de seus extremosissimos esposo e filhas, e fazem votos pelo seu restabelecimento todos os que veneram as suas tão preclaras virtudes.

— Foram na quarta-feira enceta-das as experiencias de moagem na fabrica da Estrella, para se poder estabelecer a relação entre as differentes especies de trigo e as suas respectivas farinhas. Pelas 6 horas da manhã compareceram os pares do reino srs. marquez de Rio Maior, conde de Ficalho, conselheiro Lapa, Silvestre Bernardo Lima e Simões Margiochi; os deputados srs. Anselmo de Andrade, Elvino de Brito, Madeira Pinto, Mattoso dos Santos, Ravasco, Fuschini e Elias Garcia; e os srs. Alfredo Lecocq, Roquette, Caldas, Formigal, Alfredo Barjona, Leonardo Torres, Estevão de Oliveira e Domingos Pinto Coelho. Fez-se, pois, representar a Real Associação da Agricultura Portugueza. A primeira operação foi a pesagem do trigo. São sete as especies de cereal que se vae experimentar, a saber: trigo americano palhinha, trigo russo, trigo tremez ribeiro, trigo durazio, trigo lobeiro, trigo rijo e trigo temporão do Ribatejo. O primeiro trigo experimentado foi o americano palhinha. Pesaram-se kilogrammas 10:375, que em seguida se desceram ao deposito, ao tegão, que foi sellado. A commissão, para que as experiencias tenham todo o valor que se lhes exige, a fim de que se possa formular, com precisão, a relação acima indicada, procedeu com os devidos cuidados, tornando-se impossivel a introducção nos apparelhos de cereal alheio ao experimentado, e a existencia de residuos das moagens anteriores. Para isso ordenou uma limpeza geral a toda a fabrica, sellou o deposito de onde as noras tomam o grão para o lançar nos apparelhos e fez com que a fabrica moesse em secco perto de uma hora. Cerca das 11 horas começaram as experiencias, sendo vigiada cada uma das dependencias da fabrica por um membro da commissão, a qual para isso se dividiu em turnos; os cavalheiros de vigia eram auxiliados por soldados da padaria militar. Superintendeu nos trabalhos o sr. conselheiro Elvino de Brito, pela ausencia forçada do sr. marquez de Rio Maior. O director technico é o francez mr. Simon, expressamente mandado vir pelo governo para aquelle fim. Pelo dia adiante procedeu-se á pesagem do trigo russo que se segue ao pallinha.

— Foi mandada recolher ao Muzeu Nacional a capa magna do inquisidor mór de Evora, bem como o pendão do Santo Officio, que precedia os autos de fé, os quaes até hoje se téem conservado arrecadados na Bibliotheca de Evora.

— São concorrentes aos logares de 1.os aspirantes dos quadros de correios de Lisboa e Porto os seguintes individuos, que devem prestar as provas práticas no dia 28 do corrente: Em Lisboa, Aloysio Guimarães Negrão, Antonio Affonso Oliveira Rodrigues, Eduardo Hermano Ferraz, Francisco Pereira Batalha, João Antunes da Costa e Mario Bandeira de Lima; no Porto, Alberto Carlos de Araujo Motta, Annibal Lopes de Gouveia, José Augusto de Barros e José Francisco Ferreira Cardoso.

—Foram mandados servir na guarda fiscal os srs. capitão de caçadores 4, Antonio Ernesto de Carvalho, e tenente de infanteria 7, José dos Reis Barbosa.

— Mandou-se abrir concurso de provas publicas para o provimento da egreja parochial de S. Paio de Vizella, concelho de Guimarães.

— Foram nomeados juizes substitutos: para Ovar o sr. bacharel José Narciso de Moraes Ferreira; e para Villa Nova de Foscoa, o sr. visconde de Villa Nova de Foscoa.

— No dia 20 do corrente começará a vigorar o novo horario dos caminhos de ferro, seguindo elle nas linhas de leste e norte, Lisboa a Cintra e Torres, e Torres á Figueira e Alfarellos, e do seguinte modo:

O comboyo mixto n.º 1 continua partindo de Lisboa ás 8 horas e meia da manhã, chegando ao Porto ás 9-45, isto é, 5 m. mais tarde do que actualmente. O mixto n.º 2 partirá do Porto ás 8-45 da manhã; estabelece a ligação das linhas do Minho e Douro, e chega a Lisboa ás 9-30 da noite. O correio parte de Lisboa, como actualmente, ás 9 da noite, mas chega ao Porto 15 m. mais cedo do que hoje, isto é, ás 7-30 da manhã. O descendente parte do Porto ás 7-30 da tarde, chegando a Lisboa ás 6-30 da manhã. Além d'estes comboyos, ha um rapido, diario até 31 de outubro, que parte quer de Lisboa quer do Porto ás 4 horas da tarde, chegando ao destino, á meia noite. O *Sleeping-car* de Lisboa continua sendo á mesma hora até 31 de outubro, passando n'essa data a ser ás 4 da tarde. O do Porto a Lisboa muda para as 10 horas da manhã, chegando a Lisboa ás 6 da tarde. Os dias continuam a ser os mesmos: Lisboa ao Porto, ás segundas e quintas-feiras; Porto a Lisboa, ás terças e sextas-feiras. Ha mais entre o Porto e o Entroncamento o comboyo correio para leste, que sae do Porto ás 3 da tarde e chega a esta cidade ás 10 da manhã. Os camboyos das praias são: Partida do Porto para Aveiro ás 6-45 da tarde, chegada a Aveiro ás 8-55 da noute; partida de Aveiro ás 4 da manhã, chegando ao Porto, ás 6 e 45. Para Ovar saem do Porto ás 7-30 da manhã e 12-15 da tarde, e de Ovar ás 10 da manhã e 2 da tarde. O transito é de uma hora e um quarto. O serviço para leste é approximadamente o actual. Pelo novo horario fica tambem fixado já o serviço nas linhas de Torres Vedras á Figueira da Foz e Alfarellos.

— O sr. marquez de Rio Maior vae chamar aos tribunaes a *Folha do Povo*, sendo seu advogado o sr. dr. Paulo Midosi.

— E' gravissimo o estado do imperador do Brazil, que está em Milão. O estado diabetico é o que causa mais aprehensão aos medicos. Foi chamado de Paris o celebre dr. Charcot. A molestia de que padece é uma nephrite.

— Não é melhor tambem o estado do imperador da Allemanha. Correm eminente risco a vida dos dois imperadores.

— A camara dos deputados do Brazil acaba de votar a abolição immediata da escravatura, sem condições. E' um facto que honra aquelle paiz e a época em que vivemos.

— Activam-se os preparativos para a recepção do rei da Suecia, que serão dignos do hospede que nos visita.

— O sr. Cypriano Jardim sóbe n'um dos proximos dias no seu aereostato no hypodromo de Belem.

— Vae haver sessões noturnas para abreviar os trabalhos parlamentares.

Y.

## TELEGRAMMAS

*Paris*, 9.—O sr. Floquet inaugurou hoje a exposição de arte retrospectiva na Bastilha. Disse que ninguem terá jámais força bastante para restabelecer na França livre a prisão que se derribou em 1789. «Somos hostis a todas as restaurações; não queremos tornar a erguer cousa alguma que nossos paes destruiram no derrubamento dos velhos idolos de 15 seculos, e não podemos tambem acreditar que alguem sinta desejos de saudar idolos nascentes de 15 dias.»

*Londres*, 10.—Realisou-se hontem uma grande reunião de ministros da egreja, não conformista, á qual assistiram o sr. Gladstone e numerosos deputados.

O rev. Gwiners Rogers entregou ao sr. Gladstone uma mensagem com 3:730 assignaturas, desenvolvendo a theoria em que os irlandezes formulam a sua legitima pretensão solicitando direitos iguaes aos que fruem os inglezes. A resposta do sr. Gladstone exprime a esperança no triumpho final da opposição liberal e pede aos assistentes o seu apoio para fazer dar justiça á Irlanda.

*Milão*, 10.—O estado de saude do imperador do Brazil conserva-se quasi estacionario. O pleuriz está diminuindo lentamente desde hontem á tarde, mas a sua complicação com o estado diabetico do enfermo inspira graves preoccupações, aos medicos assistentes.

# ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

## EDITAL

*José Candido Gomes d'Oliveira Vidal, Conego arcipreste da cidade d'Aveiro, Reitor do lyceu nacional do districto, etc.*

FAÇO saber o seguinte:

1.°—Os alumnos estranhos que pretenderem fazer exames d'instrucção secundaria, n'este lyceu na proximo epocha ordinaria, deverão entregar na secretaria os seus requerimentos devidamente documentados desde 15 até 31 do corrente.

2.°—Os requerimentos devem designar o nome, filiação paterna, naturalidade, (freguezia, concelho e districto) residencia dos requerentes; as disciplinas, annos e especificação dos exames; e ser acompanhados das senhas e documentos mencionados no regulamento de 12 d'agosto de 1886 e tambem indicados no edital que mandei affixar á entrada d'este lyceu.

3.°—E' prohibido requerer admissão ao mesmo ou a diversos exames em mais d'um lyceu na mesma epocha sob pena de ser annullado o exame.

E para constar mandei publicar o presente edital.

Lyceu nacional d'Aveiro, 10 de maio de 1888.

*José Candido Gomes d'Oliveira Vidal.*

## ARREMATAÇÃO

NO dia 13 do corrente mez de maio, pelas 3 horas da tarde, se ha de pôr em arrematação, no adro da egreja d'Angeja, a construcção da sacristia parochial, que se vai fazer de novo por administração e a expensas particulares. Os apontamentos da obra estarão patentes em casa do parocho para quem os quizer ver.

## ANNUNCIO

PELO Juizo de Direito d'Aveiro e cartorio do 5.° officio, no inventario de Maria Luiza da Conceição, de Vagos, correm editos de trinta dias, citando o viuvo Antonio da Rocha Laparinho, ausente em parte incerta em Lisboa, para os termos do dito inventario.

Aveiro, 8 de março de 1888.

O escrivão interino
*Antonio Dias da Silva.*

Verifiquei—*Costa e Almeida.*


MOLESTIAS SECRETAS

CAPSULAS RAQUIN

Unicas capsulas de gluten com copahiba, approvadas pela Academia de Medicina de Paris.

Como não se abrem no estomago, toleram-se sempre bem e não causam eructação. Empregadas sós ou com a *injecção de Raquin* curam em muito pouco tempo as gonorrheas mais intensas.

A Academia obteve 100 curas sobre 100 doentes, tratados por estas capsulas.

EXISTEM MUITAS IMITAÇÕES

Para evital-as, não se devem acceitar senão os frascos que levam sobre o involucro exterior a *assignatura de Raquin* e o sello official (em azul) do *governo francez*.

DEPOSITOS: FUMOUZE-ALBESPEYRES, *18, Faubourg Saint-Denis*, PARIZ, e em todas as boas pharmacias do extrangeiro, onde se acham as mesmas capsulas de copahibato de soda, de copahiba e cubeba, de cubeba, alcatrão, ou terebinthina, e a INJECÇÃO RAQUIN, complemento de todo tratamento



GRANDE NOVIDADE

GRAVATAS DE BORRACHA

LAVAM-SE como os collarinhos ficando logo promptos a uzarem-se. Preço 240 reis. Para as provincias enviam-se aquem remetter 300 reis em estampilhas ou valles.

*142 — Rua Augusta — 148*

**Lisboa**

Oliveira & C.ª—4.° quarteirão—Por baixo do Hotel Duas Nações.



ASPHALTO

MANUEL FERREIRA DA SILVA

*Rua Nova de S. Domingos 97*

PORTO

TEM grande deposito d'este genero, já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obras, nas provincias, por ter os melhores applicadores d'este genero. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos.

**Largo da Cadeia**



CONTRA A DEBILIDADE

*Auctorisado pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro*

FARINHA PEITORAL FERUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO & P.os, unica legalmente auctorisada e privilegiada. É um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveita o modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de apetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados de qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia-Franco & Filhos, em Belem. Pacote 200 reis, e pelo correio 220 reis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de julho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinalde Ribeiro Junior.



**A saude restituida a todos sem despezas nem emprego da medicina.**

A ninguem esqueceu ainda o enthusiasmo com que o presidente Dupui disse em pleno Senado: «Para que precisamos nós das drogas se possuimos a deliciosa *Farinha de Saude Revalesciére* a que nenhuma doença resiste?!»

Com effeito a Revalesciére tem effectuado curas verdadeiramente assombrosas, como se prova com milhares de certificados em que, entre outros, doentes notaveis como o fallecido Pio IX e S. M. o imperador da Russia, declaram dever á sua applicação a cura de enfermidades desesperadas.

O celebre professor Déde, radicalmente curado de uma dyspepsia e de uma affecção catarrhal na bexiga, accrescenta no seu certificado:—«Se eu tivesse que escolher um remedio efficaz para qualquer doença, quer fosse do estomago, intestinos, nervos, figado, peito, cerebro ou sangue, não hesitaria um instante sequer em preferir a todas as drogas a Revalesciére—tal é a confiança que deposito nos seus resultados, que não tenho duvida em qualificar *infalliveis*.»

Mr. Henry Stanley, o grande explorador africano, rival de Mr. Brazza, nas explorações do Congo, escreveu da aldeia de Kaghaki, sobre o Congo, de Victoria Nyanza, em 1 de março de 1875:

«De volta d'uma caçada infructifera, causou-me realmente dó a figura dos meus companheiros, e tanto que quasi desatei em lagrimas; mas resolvido a salval-os, preparei com a Revalesciére du Barry uma refeição para duzentos e vinte *homens*. Causava commoção ver o modo como os seus rostos se desanuviavam ao comer essa dôce farinha reparadora.»

Não é menos benefico o seu effeito sobre as creanças, como o demonstram as cartas que seguem:

«A minha pequena Maria, delgadinha-fraca e delicada, não prosperava quasi na, da com o leite da ama; decidi-me a dar-lhe a Revalesciére du Barry, o que a transformou rapidamente, tornando-a fresca, rosada e exabundante de saude.

Paris, 4 de julho de 1880.

*G. de Montavaz.*»

—

«Meu caro senhor:—Minha filha não conseguia digerir, nem dormir; soffria de insomnias, de fraqueza e irritação nervosa. Felismente recuperou a saude com o uso da sua Revalesciére chocolatada que lhe restituiu o apetite, a boa digestão, a tranquilidade dos nervos e do somno, bem como a alegria de espirito que de ha muito a abandonára

Porto, 11 de junho de 1886.

*H. de Mouthonis.*»

—

Quatro vezes mais nutriente do que a carne, tendo além d'isso, a particularidade de não excitar, a Revalesciére custa cincoenta vezes menos que outros quaesquer alimentos ou remedios.

A Revalesciére prolonga a vida por mais 20 ou 30 annos e constitue sobretudo um alimento de primeira ordem para as creanças de peito, sendo em tudo preferivel ao leite.

40 annos de successo.

Em caixas de folha de lata, de um quarto de kilo, 500 réis; de meio kilo, 800 réis; de um kilo, 1$400 réis; de dois kilos e meio, 3$200 réis; de seis kilos, 5$400 reis.

DU BARRY & C.ª LIMITED

*Depositos*—Em Aveiro, F. E. da Luz e Costa, pharmacia.

No Porto, Cassels & C.ª, 127, rua de Mousinho da Silveira.



# EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

## NUMERO TELEPHONICO 168

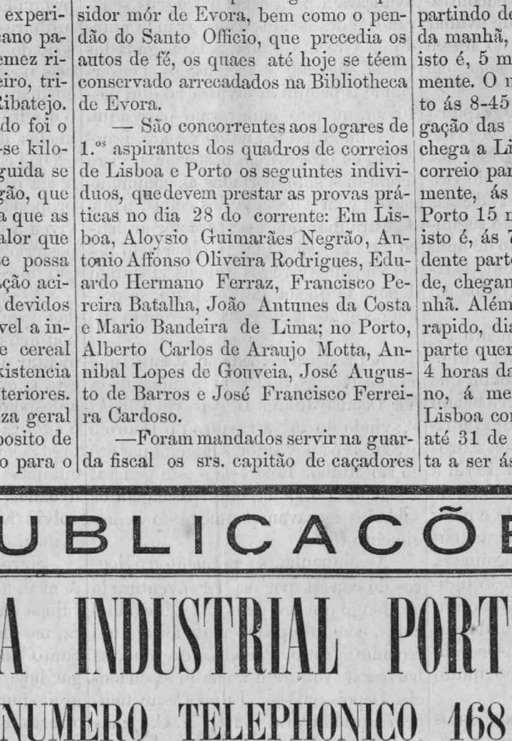
## CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO

CONSTRUÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

**CONSTRUCÇÃO DE COFRES Á PROVADEFOGO**

**CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS**



**MACHINA** a vapor da força de 30 cavallos, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para o hiate dos pilotos da barra de Lisboa, *Visconde da Praia Grande de Macau.*

A EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores, como nas provincias, ultramar, ilhas ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como, *telhados, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, machinas a vapor e suas caldeiras, depositos para agua, bombas, veios, rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.*

*Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.*

Para facilicitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a Empreza um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e pedrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e oendese tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Industrial Portugueza, Santo Amaro—LISBOA.



200,000 Doentes curados de DEFLUXOS, TOSSE INSOMNIA, CRISES NERVOSAS PELO XAROPE do Dr FORGET Em todas as Pharmacias do Universo Exija-se o endereço ao lado

36 Rue Vivienne CHABLE PARIS

300,000 Doentes curados de GONORRHÉA, FLORES brancas, PERDAS SEMINAES, DEBILIDADE, ESGOTAMENTO, etc., etc. PELO CITRATO DE FERRO CHABLE Em todas as boas Pharmacias Exija-se o endereço ao lado.



PAPIER WLINSI Remedio soberano paraa cura rapida das *affecções do peito, catarrhos, males da garganta, bronchites, resfriamentos, defluxo, rheumatismos, dores, etc.;* 20 annos de maior successo attestam a efficacia d'este excellente derivativo, recommendado pelos primeiros medicos de Pariz.

Deposito das pharmacias.—Em todas; Pariz, rue de Seine, 31.



VERITABLES GRAINS de Santé du docteur FRANCK

VERDADEIROS GRAOS DE SAUDE DO Dr FRANCK

Aperientes, Estomachicos, Purgativos, Depurativos contra a Falta de appetite, Prisão de ventre, Enxaquecas, Vertigems, Congestões, etc.—*Dose ordinaria: 1, 2 á 3 grãos.*

Exigir as CAIXINHAS AZUES com o rotulo em 4 CORES e o Sello da União dos Fabricantes em PARIZ, Pharmacia LEROY. — Depositos em todas as principaes Phas.



**VENDA DO HIATE D. LUIZ I**

(UM NAVIO)

NO dia 13 do corrente, pelas 11 horas do dia, á porta do despachante João José de Castro, em Vianna do Castello, terá logar a arrematação do casco e apparelho do hiate *D. Luiz I*, do lote de 71 metros cubicos. Tem o mesmo hiate mastros de riga em bom uzo, enxarcias de linho com duas pernadas de arame, pau de bujarrona e vergame de flandres, estais de linho em bom uzo; mulinete de espeques; guincho dobrado com abitas de madeira; dois ferros sendo 1 grande, e o outro menor; 120 braças de corrente de differentes dimensões; 1 andaina de panno em estado soffrivel; 1 espia e cabos de manobra em bom uzo, poleame e mais utensilios.

Preço da praça, 300$000 reis.



# GRANDE BAIXA DE PREÇOS

**A COMPANHIA FABRIL SINGER**

Acaba de fazer uma grande baixa de preços nas suas tão populares e acreditadas

**MACHINAS PARA COSER**

DEVIDO AO GRANDE AUGMENTO DE FABRICAÇÃO QUE TEM TIDO

Além das 5 fabricas que já possuia, estabeleceu ultimamente uma grande fabrica em Kilbowie e que todas reunidas fabricam para cima de

**TRINTA MIL MACHINAS SEMANAES**

*Peçam o novo catalogo que se ha publicado*

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

**75-Rua de José Estevão-79**

AVEIRO

**A PRESTAÇÕES**

DE

**500 RÉIS SEMANAES**

A DINHEIRO COM GRANDE DESCONTO

Chamamos a attenção para a nossa machina de

**LANÇADEIRA OSCILLANTE**

A melhor que tem apparecido até hoje.
Não tem rival.
E' a rainha das machinas.
*As machinas SINGER são as que tem obtido os primeiros premios em todas as exposições.*

GARANTIA SOLIDA E POSITIVA

**COMPANHIA FABRIL SINGER**

**75-Rua de José Estevão-79**

AVEIRO


**COMPANHIA GERAL**

DE

## CREDITO PREDIAL PORTUGUEZ

ESTA Companhia achando-se auctorisada pelo governo de sua magestade a emittir obrigações prediaes do novo typo de 4 e meio por cento, annuncia ao publico, que desde a presente data recebe propostas para emprestimos hypothecarios ao juro de 4 e meio por cento, conforme a tabella de annuidades abaixo publicada.

Tabella de annuidades dos emprestimos hypothecarios calculadas a juro de 4 e meio por cento para a quantia de 100$000 reis, incluindo a amortisação e commissão e para os prazos de 10 a 60 annos.

| Annos | Annuidades | Annos | Annuidades | Annos | Annuidades |
|---|---|---|---|---|---|
| 10..... | 13$328,400 | 27..... | 7$235,308 | 44..... | 6$039,458 |
| 11..... | 12$425,628 | 28..... | 7$117,060 | 45..... | 6$002,252 |
| 12..... | 11$676,036 | 29..... | 7$007,954 | 46..... | 5$967,154 |
| 13..... | 11$044,260 | 30..... | 6$907,064 | 47..... | 5$934,026 |
| 13..... | 10$505,042 | 31..... | 6$813,590 | 48..... | 5$902,732 |
| 15..... | 10$039,870 | 32..... | 6$726,820 | 49..... | 5$873,158 |
| 16..... | 9$634,830 | 33..... | 6$646,140 | 50..... | 5$845,188 |
| 17..... | 9$279,310 | 34..... | 6$571,000 | 51..... | 5$818,722 |
| 18..... | 8$965,044 | 35..... | 6$500,916 | 52..... | 5$793,668 |
| 19..... | 8$685,506 | 36..... | 6$435,456 | 53..... | 5$769,936 |
| 20..... | 8$435,472 | 37..... | 6$374,236 | 54..... | 5$747,448 |
| 21..... | 8$210,726 | 38..... | 6$316,916 | 55..... | 5$726,128 |
| 22..... | 8$007,800 | 39..... | 6$263,176 | 56..... | 5$714,878 |
| 23..... | 7$823,840 | 40..... | 6$212,750 | 57..... | 5$686,722 |
| 24..... | 7$656,470 | 41..... | 6$165,384 | 58..... | 5$668,512 |
| 25..... | 7$503,672 | 42..... | 6$120,848 | 59..... | 5$653,220 |
| 26..... | 7$363,766 | 43..... | 6$078,936 | 60..... | 5$634,796 |

Lisboa, 7 de maio de 1888.

O vice governador
*Lourenço Antonio de Carvalho.*


CARNE, FERRO e QUINA

O mais fortificante dos **Alimentos** alliado aos **Tonicos** mais reparadores.

**VINHO FERRUGINOSO AROUD**

EXTRAHIDO DE TODOS OS PRINCIPIOS SOLUVEIS DA CARNE

CARNE, FERRO e QUINA! Dez annos de exito constante e as affirmações das mais altas sumidades da sciencia medica, provam que a associação da **Carne**, do **Ferro** e da **Quina**, constitue o mais energico reparador até hoje conhecido para curar: a *Chlorose*, a *Anemia*, a *Menstruação dolorosa*, a *Pobreza* e a *Alteração do sangue*, o *Rachitismo*, as *Affecções escrofulosas* e *cachexicas*, etc. O **Vinho Ferruginoso Aroud** é, com effeito, o unico que reune tudo que tonifica e fortifica os orgãos, regularisa e augmenta consideravelmente as forças ou restitue o *Vigor* e puresa do sangue empobrecido, a *Cor* e a *Energia vital*.

*Venda por grosso*, em Paris, na Pharm.ª de J. FERRÉ, r. Richelieu, 102 Successor de AROUD

ESTA IGUALMENTE A VENDA EM TODAS AS PRINCIPAES PHARMACIAS DO EXTRANGEIRO.

EXIGIR o nome e a assignatura AROUD



**INJECTION BROU**

**Hygienica, infallivel e preservativa, a unica que cura, sem nada juntar-lhe, os corrimentos antigos ou recentes.**

Encontra-se nas principaes Pharmacias do Universo, em Paris, em casa de J. FERRÉ, Pharmaceutico, Rua Richelieu, 102, Successor de M. BROU.



DOENÇAS DO ESTOMAGO

PASTILHAS e PÓS

**PATERSON**

(Bismuth e Magnesia)

Recommendadas contra as Doenças do Estomago, Acidez, Arrotos, Vomitos, Colicas, Falta de Apetite e Digestões difficeis; regularizam as Funcções do Estomago e dos Intestinos.

PASTILHAS: 600 Reis. — PÓS: 1,200 Reis.

*Exigir em o rotulo o sello official do Governo francez e a firma J. FAYARD.*

Adh. DETHAN, Pharmaceutico em PARIS



As pessôas que conhecem as PILULAS DO DOUTOR DEHAUT DE PARIS *não hesitam em purgar-se quando precisão. Não receiam fastio nem fadiga, porque ao contrario dos outros purgativos, este só obra bem quando é tomado com bons alimentos e bebidas fortificantes, como Vinho, Café, Chá. Quem se purga com estas pilulas póde escolher para tomal-as, a hora e refeição que mais lhe convier conforme suas occupações. A fadiga do purgativo sendo annullada pelo effeito da bôa alimentação, si se decide facilmente a recomeçar tantas vezes quanto for necessario.*

5 fr. e 2 fr. 50



# A ESTAÇÃO

JORNAL ILLUSTRADO DE MODAS PARA AS FAMILIAS

*Preço de assignatura*

| | |
|---|---|
| Um anno..... | 4$200 |
| Seis mezes..... | 2$100 |
| Numero avulso..... | 200 |

Assigna-se na livraria de E. Chardron—Lugan & Genelioux successores Porto.



METHODO JOÃO DE DEUS

A direcção da *Associação das escolas moveis pelo methodo João de Deus* roga aos srs. professores, professoras e mais pessoas habilitadas no dito methodo pelo proprio auctor e tambem pelos professores das *Escolas moveis* a fineza de communicarem a esta direcção—Largo do Terreiro do Trigo n.° 9—com a possivel brevidade e em bilhete postal, os seus nomes, residencia e data dos respectivos diplomas.



LIVRARIA DE MELLO GUIMARÃES

**AVEIRO**

*Manuel Pinheiro Chagas*

O Abbade Constantino, 1 volume..... 700

*Manuel B. Branco*

El-rei D. Manuel..... 700

*D. Albertina Paraizo*

Almanach das Senhoras portuguezas e brazileiras, para 1888..... 240

*D. Guiomar Torrezão*

Almanach das Senhoras, para 1888... 240

Almanach Illustrado do Ocidente, para 1888..... 200

Almanach Burocratico e Commercial de Lisboa, para 1888..... 200

Almanach Illustrado, por F. Pastor... 200

**ALBUM DE COSTUMES PORTUGUEZES**

AGUARELLAS

DE

Alfredo Roque Gameiro, Columbano Bordallo Pinheiro, Condeixa, Malbôa, Manuel de Macedo, Raphael Bordallo Pinheiro e outros.

ARTIGOS DESCRIPTIVOS

DE

Fialho d'Almeida, Julio Machado, Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão e Xavier da Cunha

*Publicação quinzenal aos fasciculos*

Assigna-se na casa editora de David Corazzi, Lisboa, Rua da Atalaya, 40 a 52. e na Filial do Porto, Praça de D. Pedro, 127 1.° andar.



BAPTISTA DINIZ

**OS GAGOS**

Comedia n'um acto para 4 homens e 1 senhora.

*Preço*..... 120 réis

Pedidos ao auctor em PORTALEGRE.



TYPOGRAPHIA AVEIRENSE

**Largo da Vera-Cruz**

AVEIRO